

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS IV.

Chefe Osvaldo.



Prefácio:

Histórias Maravilhosas IV é a continuação dos contos que escrevi e que mais foram comentados quando publicados nos meus blogs e nas redes sociais. Espero que gostem e se divirtam.

E se anda não recebeu as duas primeiras seria uma honra enviar para você.

Um abraço fraterno.
Chefe Osvaldo

A Lenda da Rosa

Dizem que quando a Terra começava
A ser habitação de forças vivas,
Nas telas primitivas,
Tudo passara a ser agitação de festa;
As cidades nasciam
Em singelas aldeias na floresta...
A beleza imperava,
O verde resplandia,
Toda a vegetação se espalhava e crescia,
Dando refúgio e proteção
Aos animais,
Do mais fraco ao mais forte...
O progresso ganhava as marcas de alto porte.

No campo, as plantas todas
Respiravam felizes,
Da folhagem no vento à calma das raízes;
Era um mundo de belos resplendores,
Adornado de flores,
Com uma estranha exceção.
Tão-somente, o espinheiro,
Era triste e sozinho
Uma espécie de monstro no caminho,
De que ninguém se aproximava,
Todo feito de pontas agressivas,
Recordando punhais de traiçoeiro corte,
Que anunciavam dor e feridas de morte.

De tanto padecer desprezo e solidão,
Um dia, o espinheiral
Fitou o Azul Imenso e disse em oração:
- Senhor, que fiz de mal
Para ser espancado e escarnecido,
Todos me evitam cautelosamente
Como se eu não devesse haver nascido...
Compadece-te, oh! Pai, da penúria que trago,
Terei culpa das garras que me deste?
Acendes astros mil para a noite celeste,
Vestes a madrugada em mantilhas vermelhas,
Dás lã para as ovelhas,
Inteligência aos cães, cântico às neves,

Estendeste no chão a bondade das fontes
Que deslizam suaves
Na força universal com que desdobras,
A amplitude sem fim dos horizontes,
Em cujo místico esplendor
Falas de majestade, paz e amor...
Não me abandones, Pai, às pedras dos caminhos,
Se posso, não desejo
Oferecer somente espinhos...
Quero servir-te à obra, aspiro a ser perfume,
Inspiração e cor, harmonia e beleza,
Para falar de ti nas leis da Natureza.

Dizem que Deus ouviu a inesperada prece
E notando a humildade e a contrição do espinheiral,
Mandou que, à noite, o orvalho lhe trouxesse
Um prodígio imortal.
Na seguinte manhã, logo após a alvorada,
Por entre exalações maravilhosas,
O homem descobriu, de alma encantada,
Que Deus para mostrar-se o Pai e o Companheiro,
Atendendo a oração pusera no espinheiro
A primeira das rosas.
Chico Xavier.

E Galiostro finalmente dormiu na barraca dos seus sonhos.

- Não sei Eva, ele está assim há vários dias. – Você perguntou? Perguntei mas ele me olhou sorriu e não disse nada. Nívia a mãe de Galiostro não disse mais nada. Ela até que pensou que ele estava a sonhar com o acampamento. Desde que pedira para ser um Escoteiro que ele mudou da água para o vinho. Parecia viver em outro mundo e esquecia-se de pisar no chão que o criou. Eva sua Avó estava preocupada. Nunca o viu assim e quem o conhecesse sabia como ele era. Espeditado, lépido, gostava de gritar, de cantar e diferente de todos os meninos quando levantava, chegava à janela e chamava em alto e bom som os pardais que já tinham partido em busca de alimentos. – Ela sabia que ele tinha as melhores notas, e sempre fora de uma educação que espantava toda a família. Nunca disse a ninguém porque pediu para ser um Escoteiro. Passou a sorrir mais, andava com uma cordinha pequena nos bolsos e vivia fazendo nós.

Ela um dia o escutou na varanda falando baixinho: - Escota, balso pelo seio, Arnês, Pescador, aselha, direito, Laís de guia, fiel e fiel duplo. Que seria tudo isto?

Agora ele ia para um acampamento. Ela viu que ele não tinha mais olhos para ela. Sabia que ele levantava e dormia pensando no acampamento. Quando arrumou seu quarto naquele dia viu um pequeno livreto. Folheou e sorriu. Estava escrito com desenhos - Como fazer uma pioneiria, o que são fossas de líquido e detrito. A barraca suspensa. A mesa de campo, o toldo e finalmente uma barraca armada. Ela toda marcada por Galiostro. Ele escreveu em baixo: - Custou, mas vou dormir na barraca dos meus sonhos! Que escotismo era este? - pensou. Já tinha ouvido falar deles, mas tudo era diferente, havia uma lei. Lei? Sim, uma lei que eles obedeciam. - Prometo pela minha honra! - Bonito isto falou para si mesmo Eva. Quando jovem soube que havia Escoteiras, mas nunca tinha sido. - Sabe Nívia não sei como você o autorizou a ir com eles. Ele só tem onze anos! E se uma cobra o morder? - Eva estava preocupada, mas ao olhar para Galiostro viu que nada neste mundo iria fazê-lo mudar de ideia.

Galiostro tinha os olhos negros, grandes como seu pai, deixou o cabelo crescer até os ombros e mesmo seus amigos o chamando de “maricas” não ligou. Os cabelos loiros davam a ele uma conotação diferente. Tinha um porte de atleta e gostava quando olhavam para ele admirados. Quando foi apresentado à patrulha ninguém perguntou, ninguém se preocupou e só Nonato o sub foi quem lhe deu a mão e lhe deu as boas vindas. Ele sabia como os meninos eram. Mesmo sendo companheiros e Escoteiros havia um longo caminho para se enturmar. Foi então que Lobato comentou do acampamento. Ele aguçou a mente prestando atenção. Quando comentou que iriam dormir três em cada barraca ficou meditando. Foi para casa pensando. Três em uma barraca? Como seria? Ele ainda não conhecia a barraca da patrulha. Eram duas uma azul e uma amarela. Não eram grandes e não dava para ficar em pé.

Foi uma semana longa. Galiostro só pensava como seria dormir em uma barraca. Nunca tinha pensando nisto e agora ela não saía de seu pensamento. Soube que a maioria não tinha saco de dormir e improvisavam com folhas e capim seco colocados em dois sacos costurados fazendo um colchão. Ele teria que arrumar dois sacos para isto. Afinal ele iria dormir em uma barraca. Será que não iria ter medo? - Galiostro! Ele ouviu a voz de Dona Neném a professora dele. Piscou os olhos e pediu desculpa. - Você não prestou atenção em nada na aula de hoje! - Era verdade. Ele não tirava a barraca de sua mente. E se chovesse? Não iria entrar água? E se fizesse frio? Um cobertor a manta de seu avô resolveria? E se ventasse? E se a barraca fosse perdida em um vendaval?

Uma semana antes preparou sua mochila. Seu Tio Malta lhe dera. Uma mochila francesa ele disse. Achou pequena. Tio Malta disse para ele - Galiostro, leve o necessário, nem mais nem menos! O que seria o mais e o que seria o menos? Viu a lista que o Monitor lhe dera. Cabia tudo. Só isto? Ficou pensando. - À noite seu pai chegou com um embrulho. - É para você! Galiostro sorriu. Gostava de um presente. Dentro de uma caixa um cantil com capa verde. Um cantil! Nunca pensou que teria um. Cinco da manhã. Galiostro estava sentado na cama. Sua mochila preparada. Seu cantil cheio com água. Vestiu seu uniforme devagar. Peça por peça. Olhava no espelho, mas seu pensamento era só a barraca. Deus meu! Eu vou dormir em uma barraca? Ele pensava e

nada afastava ela do seu pensamento. Sete horas, sua mãe bateu na porta – Está na hora filho. Estava mesmo. Tomou café e calmamente beijou sua mãe e suas avó. Seu pai já havia ido trabalhar. Partiu a pé sorrindo. A sede era perto. Abriu o portão e sentiu uma lufada de vento no rosto. Era hora de partir para o acampamento.

Iriam de ônibus urbano até a estação. Lá pegariam o trem para Jambreiro e mais quatro quilômetros chegariam a Fazenda Trindade. Tudo foi dividido e Galiostro não reclamou quando ficou responsável por um facão que amarrou na mochila e o lampião vermelho a querosene. Onze e meia chegaram. Galiostro não cantou na jornada. Olhava o céu azul de brigadeiro. Bom isto pensou. Assim vou dormir mais tranquilo na barraca. O campo não demorou a ficar pronto. Ele havia aprendido na jornada do domingo que fizeram. Uma mesa com toldo, bancos toscos, um fogão de barro esquisito e a barraca. Ele fez questão de armar com Zé Antonio. Olhou por dentro. Pequena. Eram três a dormir ali. Ele aguardava a noite. Era a noite esperada. Comeu um lanche e na janta adorou a sopa do Vandeco o cozinheiro. Seus olhos não saíam da barraca mesmo no lusco fusco da noite. Olhou para cima. Estrelas mil brilhavam formando uma estrada de luzes no céu.

Nem prestou atenção ao Jogo do Fantasma. Nem medo teve do fantasma que apareceu no alto da montanha. Seu pensamento era um só. A Barraca! Fizeram um pequeno fogo em frente à barraca, ele se sentiu bem com o calor. Sua mochila estava na porta. Combinaram de preparar tudo na hora de dormir. Ele cantou o Cuco e a Canção da Lua. Gostava de cantar, mas não prestou atenção. Estava esperando a ordem do Monitor para prepararem as barracas. Jamiel Lourenço e ele prepararam o interior da Barraca. Chegou a hora finalmente. Deitaram. Ele no meio. A mochila serviu de travesseiro. Ele olhava a lona da barraca. Ouvia os grilos cantantes na noite do seu primeiro acampamento. Finalmente ele estava na barraca, mas não dormiu. Um trovão, um relâmpago. Galiostro sorriu. Precisava da chuva. Nos seus sonhos ela estaria lá na sua primeira noite de acampamento.

Os primeiros pingos, o som pedante da cascata na barraca. Um vento cortante querendo entrar pela porta. A barraca balançava, mas estava firme. Galiostro com as mãos entre a nuca sorria. Agora sim, ele era um acampador. A barraca para ele não teria mais segredos. Seus olhos se fecharam e ele se viu transportado em sonhos nunca antes imaginados. Finalmente Galiostro dormiu em uma barraca.

Lembro-me de uma barraca perdida em meus sonhos,
Na terra que me viu nascer
Lembro-me de um menino que andava pensando
sonhava vir um dia a ser,
Dormir sonhar, quem sabe amando...
Na barraca sorrindo esperando o amanhecer!

A felicidade não se compra!

- Antonio Marcus, não insista. Já disse que não. Olhe sua posição, veja você em que colégio estuda, olhe suas roupas e pense na sua família meu filho. Somos pertencentes a uma classe social diferente. Você é um Portilho legítimo de reis franceses. A Condensa Daiana pela terceira vez dizia não para o menino Antonio Marcus seu filho. Ela não entendia como ele agora ficava atormentando com um pedido tão sem coerência. Para ela o matricular em um Grupo Escoteiro próximo a sua mansão era impossível. Ora bolas! Pensava. Uma meninada de cor, um grupo em uma igreja de periferia, um padre comunista, dizem que o Chefe era ateu e eles não tinham nada e ainda achavam que iriam formar o caráter de seu filho? Nem pensar! Ele tinha professores ingleses, estudava piano com o Maestro Galliano, e quando completasse 17 anos iria matriculá-lo na Universidade de Oxford na Inglaterra. Nunca seria de bom alvitre ele se misturar com aquela gentalha. Se pelo menos fosse um Grupo Escoteiro de elite vá lá, mas aquele ali? Nunca!

Antonio Marcus tinha dez anos. Quase não tinha amigos, pois no Colégio Grand Torino onde estudava tudo era muito reservado. Eram oito horas diárias e ele recebia uma carga enorme de conhecimentos. Até que nos dias que faziam atividades recreativas ele se divertia. Nunca foi bom de bola, era péssimo no vôlei e mal corria cem metros. Sua complexão física não era boa. Vivia preso na Mansão dos Portilhos e lá não tinha amigos. Uma tarde chegou do colégio e viu o Senhor Aparício o jardineiro com um jovem da sua idade vestido de Escoteiro. Achou bonito e foi até eles perguntar o que eles faziam. O Senhor Aparício era o pai de Ronaldinho o Escoteiro. Falou para ele das aventuras que faziam dos acampamentos, das jangadas, das construções que chamavam pioneirias, das patrulhas que formavam verdadeiras equipes de fraternidade, das noites lindas em volta de um fogo, das canções, de dormir em uma barraca, de poder contar estrelas no céu.

Antonio Marcus viu seus olhos brilharem. Que lindo era isto pensou! A noite sonhou que estava de uniforme a desbravar as florestas, a atravessar rios enormes em jangadas, em subir nas árvores enormes, descer por um nó Escoteiro em uma corda grossa, ah! Meu Deus! Seria bom demais. Quando falou com sua mãe foi um verdadeiro estouro. Não gritado é claro, pois a Condensa tinha toda a carisma de uma senhora educada na corte e que nunca levantava a voz. – De onde você tirou isto meu filho? Antonio Marcus pensou em contar, mas se absteve. Sabia que ela iria demitir na hora o Jardineiro Aparício. Mas não desistiu. Todos os dias à noite, após o jantar solene, onde ele deveria estar presente sempre de terno e gravata, onde havia um cerimonial para ser servido pelas dezenas de empregadas, só ele e a mãe naquela enorme mesa, pois seu pai sempre viajando ele pensava. – Já pensou? Eu lá na orla da floresta, fazendo meu jantar em um fogão de barro? Comendo a comida que eu fiz? Seria delicioso, mas era um sonho impossível de se realizar.

- Olhe Antonio Marcus se você quer mesmo ser um vamos fundar um grupo só para você. Vamos convidar seus amigos do colégio e do Clube, gente do mesmo naipe que nós. Falarei com meus amigos CEOS das multinacionais, falarei com o Comendador Joubert, claro incluirei Os Manfredos do Banco Mundial. Contrataremos chefes Escoteiros formados em grandes universidades, receberão os melhores salários e você vai fazer tudo que eles fazem supervisionados por professores e chefes preparados. Contrataremos bons chefs de cozinha para fazer suas refeições e claro, onde forem terão um enorme gerador para gerar a luz elétrica. Você quer assim? Antonio Marcus olhou para ela, seus olhos estavam húmidos em saber que nunca seria um Escoteiro como deveria ser. Muitas vezes escondido ficava conversando com Ronaldinho o Escoteiro. Ele contava todas as histórias que fazia brilhar as pupilas dele.

Não desistiu. Nunca iria desistir. Se ela achava que eles eram uns Portilhos que seja. Mas ele queria era ser mais um e não um que seria dono de tudo. Queria ser um Escoteiro de coração, de corpo e alma amigo e irmão de todos sem distinção. O Doutor Professor Edmundo se dirigiu a ele naquele dia e perguntou - O que está havendo Antonio Marcus? Você hoje não prestou atenção à aula? - Ele não disse nada. O Doutor Professor Edmundo não iria entender os seus sonhos. Foi um dia fatídico. Ao sair do colégio recebeu a notícia. Sua mãe fora sequestrada e baleada. Dois bandidos mataram dois seguranças super treinados em questão de segundos. Quando iam saindo com ela dois meninos pularam dentro da limusine e tentaram tomar a arma dos bandidos. Uma idiotice sem tamanho, mas que deu tempo do terceiro segurança matar os dois bandidos e o terceiro fugir. Um dos meninos levou um tiro de raspão. Ela no braço direito.

Os jornais e as TVs não perderam tempo. Histórias foram contadas de norte a sul. Os meninos exaltados como heróis. Em uma entrevista com um famoso apresentador os dois jovens contaram que eram Escoteiros. Aprenderam a não fugir das dificuldades. Sabiam viver sozinhos em uma floresta, enfrentavam cobras e jacarés. Será que ajudar uma senhora não fazia parte da boa ação que deveriam fazer todos os dias? Os dois meninos Escoteiros da noite para o dia ficaram famosos. A Condensa Daiana ao sair do hospital disse que nunca tinha visto tal heroísmo. Falou mais ainda dizendo que agora até ela iria ser Escoteira. Seu filho Antonio Marcus seria também um deles. Uma organização que ensina a fazer o bem, a formar caráter não poderia ficar de fora na formação do seu filho. Antonio Marcus não cabia em si de contente. Sonhava esperando o sábado feliz. Pedia a Deus para sua mãe não mudar de ideia. Disse para ela sobre o Aparício que era pai de Ronaldinho escoteiro.

O Chefe Pikard estranhou quando aquela Madame bem vestida adentrou no pátio da sede. Não era comum. Ele um Velho explorador europeu resolveu ajudar aquele Grupo Escoteiro humilde da Vila Pasqualé. Ele adorava aquela vida adorava aqueles meninos e quando soube que Piquitito e Joelhudo foram heróis ajudando em um assalto ele ficou com medo e ao mesmo tempo orgulhoso. Ensinou a todos que devem agir dentro das circunstâncias que a prudência ensina. A Condensa Daiana humildemente pediu uma vaga para seu filho. Ronaldinho da Patrulha Coruja veio correndo abraçá-lo. O Senhor Aparício que fazia limpeza na sede se sentiu importante quando ela o abraçou e o parabenizou pelo seu excelente filho. O Grupo ganhou mais

um filho. A Grande Família Escoteira cresceu e o escotismo fizera as pazes com a realeza.

Se você encontrar um caminho sem obstáculos, ele provavelmente não leva a lugar nenhum. Devemos lembrar que as riquezas não vão conosco quando formos para as estrelas. A felicidade não se compra e da vida nada se leva a não ser as boas obras, os bons momentos e as coisas belas da vida que aprendemos a fazer. Lutamos pela vida como a vida luta ao nosso lado para nos dar o que lutamos para conseguir. Aos arrogantes deixemos que o destino os levem a naufragarem no próprio mar de sua insignificância.

O mistério da morte do Delegado Juvêncio.

Hubert foi chamado a Secretaria de Segurança Pública na capital. Não foi muito satisfeito, pois tinha um acampamento programado com sua Tropa Escoteira. Seria o primeiro com a participação de oito jovens de sexo feminino. A tropa sempre teve três patrulhas. Decisão de Corte de Honra. Agora viria a quarta, mas as jovens seriam diluídas nas demais patrulhas. Quatro meses se passaram quando foram abertas as vagas. Ele não queria ficar só na tropa como chefe. Tentou sua filha Luciana que fora bandeirante, mas ela não quis. Maria Elizabeth mãe do Escoteiro Tadeu aceitou. Não entendia nada, mas tinha uma grande vontade em aprender. Hubert trabalhou por muitos anos como investigador no 25º Distrito. Era considerado um dos melhores, mas idade chegou e achou melhor se aposentar. Não estava Velho, pois tinha apenas 54 anos e nem iria parar. Um escritório de investigações particulares lhe daria o que fazer no dia a dia. Pelo menos agora ele tinha tempo para se dedicar a formação de jovens através do escotismo, o que ele sempre desejou.

Doutor Morales o recebeu como sempre. Um abraço forte e um aperto de mão mais forte ainda. Com a mão esquerda é claro. Ambos cresceram na Patrulha Touro e até os seniores viviam juntos como dois irmãos. Da mesma idade ele e o Doutor Morales ambos escolheram o mesmo caminho profissionalmente. Hubert poderia ter ido mais longe, mas não era bom político ao contrário de Morales. Ambos eram bem considerados na polícia investigativa e Hubert era famoso pelos casos escabrosos e misteriosos que resolveu. Sempre que um nebuloso aparecia e Morales era pressionado pelo governador ele apelava a Hubert e este sempre se saía bem. Hubert lembrava que quando seniores quase foram mortos por quadrilheiros que faziam contrabando de droga. Em uma excursão a Praia do Sul eles viram os barcos descarregando e a noite

roubaram um deles para levar até Capitania. Seria uma apreensão enorme, mas a bandidada pegou-os na boca da botija quando davam as primeiras remadas. Foram amarrados e conseguiram se livrar das cordas. Duas horas depois a policia cercava o contrabandistas.

Não ficaram como heróis. O Delegado gritou com os dois o perigo que correram. – Vocês poderiam estar mortos uma hora desta – ele disse. O Conselho da Tropa Sênior se deliciou. Afinal eles eram metidos a serem os melhores. Mas não ficou só nesta aventura, muitas outras aconteceram. Daí para a Academia de Policia foi um pulo. Ambos nunca abandonaram o escotismo. Sempre iam quando podiam ao grupo amigo mais proximo. Infelizmente não dava para assumir uma chefia e isto era o sonho de Hubert. Agora achando que estava em paz lá ia ele de novo atender ao pedido de um amigo e irmão Escoteiro. Ele sabia que não havia como fugir. Essa é a divisória que nos separa do mistério das coisas que chamamos vida. Não vamos entrar em detalhes de tudo que o Morales lhe confiou. Partiu no mesmo dia. Um carro da Segurança Pública com motorista o levou até a cidade de Ouro Fino. Chegaram à noitinha de terça feira. Na delegacia não tinha ninguém. Disseram que fechava as cinco, agora só no outro dia.

Hubert não queria perder tempo. Procurou o barbeiro no centro da cidade, pois sabia que lá teria as informações que precisava. O barbeiro é o homem sempre bem informado. As fofocas e as verdades tinham ali o seu casulo predileto. Soube de pouca coisa. O Delegado Juvêncio fora enforcado dentro da delegacia. Ninguém viu e ninguém sabia o porquê. Quando ia saindo da barbearia viu dois Escoteiros seniores de uniforme indo para a sede. Lembrou-se de si mesmo e do Morales. Claro que os parou e se apresentou como Escoteiro. Eles riram e o convidaram para a reunião dos seniores que seria feita naquela noite. Turma alegre e de bem com a vida. Sempre sorrindo. Não eram muitos. Naquela noite eram oito, mas quatro tinham faltado. Devia ser por causa do trabalho. Era muito comum. Eles se deliciaram com as historias de Hubert, mais ainda quando souberam que ele era um detetive aposentado.

- O que o trouxe aqui Chefe? Perguntou Heraldo um sênior sempre sorridente e que parecia querer saber de tudo. – Hubert abriu o jogo. Não queria ter vindo, mas seu amigo praticamente exigiu sua vinda. Contou suas aventuras como sênior, o que fizeram e por ambos se dedicaram a ser policiais. Os seniores prestavam a máxima atenção no que ele contava. – Quando ele explicou seu objetivo em descobrir o que ouve com o delegado Juvêncio, se ele se enforcou ou foi enforcado, cada um queria dizer o que pensava. Ficou lá na sede com eles até a meia noite. Heraldo e Zé Antonio disse que sabiam o que aconteceu. – Fácil Chefe. Se o senhor apertar Daninha ela conta tudo. – Quem é Daninha? – Chefe Daninha é mulher do Zé Eustáquio. Ele caladão sempre desconfiou da mulher. É forte que nem um touro. – Não estou entendendo amigos, quer dizer que foi ele quem matou o Delegado? – Claro que sim Chefe, ela com medo de ser morta por ele disse que o delegado havia pressionado para ela ser dele.

- Mas como eles entraram na delegacia? Afinal a porta e as janelas estavam trancadas! – Chefe, ela não contou, mas era amante dele. Tinha uma copia da chave. Ela entrou sozinha e depois o Zé Eustáquio entrou atrás. Levou um pozinho para colocar na bebida do Delegado, ele desmaiou e aí foi fácil pendurar ele em uma viga e enforcá-lo. – E o bilhete que ele dizia que queria morrer? – Chefe! – Daninha era escritã da

policia. Tinha a assinatura do delegado e vários relatórios. Não foi difícil ela treinar a sua letra. – Bah! E como vocês sabem de tudo isto? – Ora, ora Chefe. Afinal somos seniores. O senhor não acha que nesta cidade nada acontece à gente não iria investigar? A gente tinha foto dos dois Chefe. Ninguém nos perguntou e nem a gente iria dizer nada. Afinal sabemos que o Zé Eustáquio era o principal distribuidor de drogas na região!

- Cacilda, pensou Hubert. Nem eu como sênior sabia tantas coisas. O resto foi simples. Seis policiais civis chegaram à cidade, prenderam Zé Eustáquio e Daninha que confessaram o crime. – E aí Chefe, perguntou Nivaldo o Monitor da Patrulha Monte Sião – E a cidade o que pensou de tudo? – Hubert sorriu, pois havia chegado a tempo foi acampar com seus seniores e agora na Conversa ao pé do fogo contava tudo o que viu e sentiu. – Pois é Nivaldo, só agradei aos seniores de lá. Afinal não é nossa obrigação ficar sempre alerta? Se somos escoteiros temos que estar de olhos e ouvidos abertos! – Chefe isto é para lobinho! - Melhor ainda Nivaldo, ainda bem que o lobinho aprendeu assim. E eles ficaram até altas horas da noite, conversando, contando causos, cantando e comendo gostosas bananas assadas na fogueira até que um lobo uivou na montanha, dizendo que era hora de dormir!

Lord Falcon, o menino de rua que um dia foi Escoteiro.

Não era um mar de rosas. Nunca foi, mas como ele não conhecia outro tipo de vida achava que não devia reclamar. Deste que passou a pensar sabia que sempre havia alguém querendo tirar proveito dele. Nunca soube quem era seu pai e nem sua mãe. Acreditava que era um menor abandonado, um coitado, sem defesa e por isto em qualquer lugar que fosse batiam nele. No orfanato fizeram dele um escravo dos mais velhos e ninguém ali o ajudava. Achou que tinha nascido lá e mesmo com a roupa e comida que lhe davam ele se cansou de tudo e fugiu. Vagou nas ruas pedindo esmolas, mas poucos davam. Havia outros como ele nas ruas da cidade e poucos ele podia considerar como amigos. Se os encontravam queriam tomar dele o pouco que tinha e ele não tinha nada. Procurava não dormir no mesmo lugar. Não podia fazer um ninho embaixo de um viaduto, uma calçada ou um casarão abandonado.

Uma vez uma menina lhe ofereceu um “pito” ele se sentiu mal. Ainda bem que não viciou. Seu estomago não aceitava e quando arriscava vomitava tudo. Passava mal dois ou três dias e nem comer podia. Bom isto, um defeito em seu interior não o deixava drogar. Quando fez onze anos uma gripe o jogou na grama da Praça da Sé. Tremia de frio, chorava e não sabia a quem pedir ajuda. Dois meninos de sua idade o socorreram. Ele se perguntou por que fizeram isto. Olhou melhor para os dois quando deixaram a porta da Casa de Saúde. Eles sorriam para ele um sorriso bonito que ele depois que foram embora tentou dar, mas não conseguiu. Uma enfermeira lhe deu remédios, mas não o deixou entrar. Ali mesmo na porta ele ficou dormindo e acordou

sem tremuras e sem febre. Viu os meninos que o ajudaram sem pedir nada em troca. Brincavam na grama onde dormia vez ou outra. Olhou com mais atenção e viu que eram vários. Todos iguais com uma vestimenta caqui e um chapelão na cabeça. Eles corriam, cantavam brincavam e se abraçavam.

Nunca prestou atenção neles até que o ajudaram naquela tarde. Foram embora em um ônibus e passou meses para ele os ver de novo. Sem querer os viu em um pátio de uma escola onde ele algumas vezes dormia quando as chuvas chegavam. Em cima do muro ficou olhando a correria que aprontavam. Pensou que seria bom se um dia fosse como eles, pois viu que quando escurecia eles iam embora com seus pais nos lindos automóveis azuis e branco. Quando o último partia ele pulou o muro e ficou embaixo de um Abacateiro enorme, frondoso, sentiu a barriga vazia, precisava comer, mas sabia que só no dia seguinte conseguiria alguma coisa. Sentou junto ao tronco da árvore. Alguém saiu de dentro de uma salinha e o viu. Pensou em correr, pois sempre um vigia, um guarda quando o encontravam enchiam seu corpo de chutes e tapas. Este foi diferente. Era um homem Velho. Ainda com seu uniforme igual os meninos. O olhou, pegou pela mão e disse para acompanhá-lo.

Morava perto, uns quatro quarteirões. Foram a pé. Ninguém antes dera a mão a ele. Ele se sentiu bem, parecia um calor passando de corpo a corpo. Entraram e ele sentou na cadeira que o homem lhe oferecera. Lá dentro a casa do homem era agradável. Deu-lhe um prato com arroz, feijão e um bife. Quanto tempo não comia um bife. Estava bom demais. Repetiu duas vezes. O homem não ficava olhando para ele. O deixou a vontade e depois o levou até o chuveiro. Mostrou uma toalha o sabão e as roupas que ele devia usar quando terminasse. Ele não estava acreditando naquilo. Ninguém nunca fizera isto com ele. O que ele queria? Devia ficar prevenido. Tomou um banho, gostoso, quente que maravilha. Era um banho que nunca tomara. Vestiu as roupas, o homem o levou a um quarto com uma pequena cama. Ele dormiu. Como era bom dormir em uma cama, um colchão, um travesseiro e um cobertor.

Acordou de madrugada. O homem estava na cozinha sentado e chorando. Ele ficou preocupado. O homem enxugou as lágrimas e lhe ofereceu um pedaço de bolo com leite gelado. Os olhos vermelhos. Não falava. Ele perguntou ao homem porque chorava. Se ele fosse embora ele parava de chorar? O homem levantou pegou um porta retratos nele uma moça de azul e um menino de azul com um lenço e um boné azul sorriam de mãos dadas. Ele não entendeu. O homem disse – Janice e Maninho, eles foram para o céu. Ele entendeu. O homem foi para seu quarto ele também. Acordou cedo. Olhou a casa, muito grande, tinha piscina, tinha grama e jardim. Muita coisa bonita. Quem sabe podia roubar alguma coisa para vender, mas achou que não devia. Nunca ninguém o ajudou como ele. Ficou lá o dia inteiro na porta com medo de entrar na casa de novo. À tardinha o homem chegou. Sorriu, disse a ele - obrigado. Pensei que tinha ido embora. Não disse mais nada. Jantaram, foram para a sala e viu televisão. Era lindo ali. Ver naquela telinha coisas que ele pouco tinha visto a não ser nas vitrines da Paulista.

Uma semana e ele lá. O homem ia trabalhar e ele ficava na porta. Não entrava, tinha medo de roubar e ele não queria roubar. O homem chegava, jantavam, ele tomava banho ia ver televisão e depois dormir. No sábado o homem deu-lhe a mão e

saíram. Foram até a escola onde ele o encontrou. Convidou a ele para ser um dos meninos. Uma patrulha, um grito, um aperto de mão e ele no final chorou. Quanto tempo não chorava? Nunca viu tantos amigos, gente boa, gente linda, sorrisos radiantes e ele aprendeu a cantar, a jogar e fazer o nó direito. Para que o nó? Devia ser para que a vida lhe abraçasse mais, pois até então a vida lhe negara tudo. O tempo passou. Ele vivia na casa do homem. Foi para a escola, aprendeu a ler e escrever. Ficou batuta em matemática. Entrou em um concurso. Ganhou. O homem sorriu e lhe deu um chapéu, um lenço e um uniforme caqui. Ele cresceu. Tornou-se um homem como o outro homem que o ajudou.

Um dia o homem que lhe dera a mão ficou doente. Ele o levou até o hospital. O homem lhe deu a mão. Disse que ele era seu novo filho e contou quantas alegrias ele lhe deu. Ele chorou, pois alegria foi o homem que lhe deu. Deu-lhe um lar, uma casa linda, um quarto e comida farta. O homem morreu no hospital. Ele chorou de novo. Agora tinha de viver sua própria vida. Ninguém o condenou. Todos os meninos que cresceram com ele o abraçaram e disseram que eram irmãos de sangue. Ele não entendeu, mas aceitou. Todos os domingos ele visitava o homem que lhe dera a mão no jazigo que tinha no Cemitério da Saudade. Junto a ele também Janice e Maninho. Os três que ele não podia ver sorriam. Agora estavam juntos de novo. Ele nunca reclamou da vida. Do passado e aprendeu um dia que existe um Deus no céu. Que pode ajudar e resolver e ele o ajudou e resolveu.

E ele virou outro homem. Agora trabalhava e quando passava na grama do jardim da igreja via outros meninos que como ele lá estavam a pedir, a roubar a usar o “pito” e ele pensava se um dia eles não teriam a oportunidade que ele teve. Agora Velho, ainda vivendo sozinho na casa daquele homem que lhe deu tudo ele se lembrava das palavras de um poeta: - Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha, e não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.

Cinquenta anos depois...

A poeira não mudou. A rua também não. Tudo era igual como no passado. A principal rua que recepcionava os visitantes era a mesma, não importa o tempo que passou. Aqui e ali pessoas chegavam às janelas para olhar quem chegava. Ao entrar na Rua do Outono vi que estava asfaltada. A Rua Teófilo Otoni também. Sinal que houve

melhora na cidade. A Praça Dom Giovanni estava linda. As árvores enormes. Uma grama aparada e toda florida. Bateu uma saudade enorme. Antes não sabia por que retornava, não tinha o porquê de voltar. O que aconteceu deveria ficar esquecido nas areias do tempo. Reviver o passado não valia a pena, mas eu insistente retornei. Parei o meu carro em frente à Pensão Pedreira. Seria por pouco tempo. Iria comprar uma morada só para mim. Quem sabe nela fazer meu consultório.

Olhei para a prefeitura, saudades do Benevides, um prefeito amigo dos Escoteiros acho que se não fosse ele nosso grupo não teria resistido. Duas senhoras passaram por mim me encarando. Eu sabia como era. Cidade pequena tinha os mesmos sinais e defeitos. Defeitos? Quem sabe uma qualidade? Antes de entrar na Pensão sentei no banco de outrora. A Macaxeira agora era enorme. Uma sombra gigante ela fazia. Deu-me uma saudade enorme. Fechei os olhos e voltei no tempo. Cinquenta anos muito tempo. Parece que eu a via correndo com suas amigas entre as flores do jardim. Porque foi assim? O destino? Acredito que sim, eu sabia que do destino ninguém foge. Via ao meu lado Zé Antonio. Éramos amigos inseparáveis. Ele Sub Monitor da Morcego e eu Monitor. Quanto tempo ficamos juntos? Impossível dizer, mas acredito que desde os lobinhos. Sorria pensando quantas aventuras fizemos na serras, nas montanhas e nos vales sem fim.

Quando jovens nossos sonhos são tão fáceis de realizar. Via-me médico, com uma maleta andando pela rua a socorrer os pobres. E depois ia para casa, minha casinha branca de janelas e portas azuis. No alto do telhado via a fumaça do fogão que saía calmamente pela chaminé. Andaluzia preparava meu jantar. Daria nela um beijo apaixonado, tomaria um banho e nós dois a falar do mundo ficaríamos depois do jantar a conversar no banco do jardim. Iria morar perto. Sonhos... Meninos sonham tão bonito. Engraçado que nos meus sonhos não tinha filhos. Esquecia-se dos meus amigos e nem mesmo Zé Antonio aparecia nas sombras da minha mente. Ela vivia somente por Andaluzia. E nos acampamentos? E nas noites de outono quando a chuva caía fina na nossa barraca de duas lonas? Puxando o pé para não molhar, ouvindo o som do martelar dos pingos da chuva que caía. Era gostoso a chuva. Ela aparecia para mim sorrindo. Ah! Eu sabia que era feliz e seria o homem mais feliz do mundo!

Mas afinal o que aconteceu a ela? Ninguém me contou ninguém me disse. Só disseram que ela fugira com Capistrano, um marginal da cidade que ninguém gostava. Por quê? Logo ele? Ela não sabia do meu amor? Como doeu. Uma dor difícil de explicar. Dizer que os sonhos de um menino de quinze anos não merecem crédito eu sabia que não dava para entender. Continuei amando o escotismo. Diferente agora, pois meus sonhos mesmo sendo os mesmos eu sabia que não iriam se realizar. Esqueci a minha Lis de Ouro. Nem sonhava mais com meu Cordão Dourado. Isto não tinha mais importância. Minha mãe nem ligava e nem queria saber o que eu sentia. Meus Deus! Que burrice que eu fiz. Peguei minha mochila, meu cantil, minha capa negra e parti sem rumo.

Só por causa dela? Menino se ponha no seu lugar! Você ainda tem um enorme futuro dizia para mim mesmo. Mas a estrada parecia não ter fim. Um dia, dois um mês. Um ano depois parei. Já com meus desesseis anos e chorei. E como chorei. Por ela? Por minha mãe? Por meus amigos? Chorava por todos. Um Velho passou a cavalo e

me viu chorando. Perguntou o que houve. Engasgado não sabia dizer. Suba na minha garupa, vou levar você até minha choupana. Lá vamos comer e conversar como homens. Eu estava magro, osso puro, quase não comia e pense bem, um menino de quinze desesseis anos fazendo aquilo? Fiquei morando com o Senhor Januário por dois anos. Ele um dia morreu. De que não sei. O vi morto e pensei comigo o que fazer. O enterrei debaixo do pé de Juazeiro, pois ele me disse que ali estava Florinda sua mulher.

Pé na estrada novamente e cheguei ao Rio de Janeiro. Cidade grande. Ajudei a construir muitos prédios, estudei. Formei-me em medicina. Escotismo? Nunca esqueci. Ele morava para sempre em meu coração. Vez ou outra eu via os escoteiros aqui e ali a correr pelas praças, nos shoppings. Queria dar um Sempre Alerta, mas me envergonhava. Afinal eu não tinha história para contar a eles. Conheci Maria Bonita. Bonita mesmo. Casamos mas não sei por que não tivemos filhos. Um dia ela me deixou. Foi morar com outro. Mulher moderna, eu agora tinha de aceitar era um medico, pois não? Os anos foram passando, eu só trabalhando. Plantão em minha clinica, no Hospital São Marcelino e correndo pelas trilhas de favelas atrás de doentes terminais. Um dia vi que era hora de parar. Um clarão me fez lembrar-se de Rio Feliz. Era hora de voltar. Amigos da clinica choraram quando parti. Na viagem não pensei duas vezes. Não haveria volta.

Alguém sentou ao meu lado. Não reconheci. Barbas brancas enormes. Cabelos grandes grisalhos. Um boné amarelo na cabeça. Um sorriso que me lembrou de alguém. Olá Juvenal ele disse. Olhei para ele. Quem era? Meus olhos piscaram, não podia ser era Zé Antonio, meu Sub Monitor. Incrível este reencontro! Conte para ele minha vida, ele contou a sua. - Vai para minha casa até achar uma que lhe convenha comprar. - E o escotismo? Perguntei. - Até hoje ele vive na minha vida. Respondeu. Mas desde que você partiu, ele não foi o mesmo. - Me convida a visitar? Perguntei. Ele riu. Um sorriso de amigos que sabe o que é uma verdadeira amizade. Vamos lá agora. Tenho a chave da sede. Vai ver que nada mudou. Queria perguntar, mas não sabia como. Não sei se ele iria entender. - Ele me olhou. Abaixou a cabeça e disse - Sei o que está pensando. Andaluzia voltou cinco anos depois que você partiu. Nunca perguntou por você. Nunca perguntou por ninguém. Ela hoje vive na Casa de Repouso Dom Martinho. Lugar simples, ela não se lembra de ninguém.

Pedi a ele que me levasse lá. Depois iríamos a sede Escoteira. Ele sorriu e falou baixinho: - Eu sabia que seria este seu pedido. Sabia que iria pedir para reviver o passado. Olhei para ele e nada disse. Amigos são assim não dizem não e nos atendem sem fazer muitas perguntas. Um novo momento iria começar em minha vida. Não foi por isto que voltei? Não sei se o futuro seria melhor do que o meu que passou. Um amigo que nunca pensei em rever agora estava ao meu lado e um grande amor ressurgiu das sombras para o meu presente que sempre sonhei. O sol estava se pondo na Serra do Gavião. O mesmo sol de antigamente. Quem sabe um novo sol em minha vida? O futuro? Só Deus para dizer. Não me disseram um dia que do destino ninguém foge?

O último toque de silêncio!

Tony Blanco chorava copiosamente a minha frente ali naquele bar em uma travessa da Avenida São João. Não me lembrava do nome da travessa, mas ficava próximo ao número 300. – O Senhor se lembra Chefe Osvaldo do Pintassilgo? – Claro que me lembrava. Ele e Tony Blanco eram amigos inseparáveis. – Pois é nunca tive um amigo fiel como ele. Amigo mesmo. De todas as horas. Éramos de Patrulha diferente da sua. Lembro que o Senhor era da patrulha Lobo e nós da Touro. Mas fizemos juntos muitos acampamentos. Lembra-se daquela jornada na Ilha do Cajuru? Foi demais não? – Eu lembrava. Minha mente passeava pelo passado. – Pois é Chefe Osvaldo, desculpe chamá-lo assim. Não sou mais Escoteiro. Eu hoje não sou nada. Um molambo largado na vida. Não tenho família, amigos, nada e nem ninguém que se preocupe por mim.

A vida sempre a nos reservar surpresas. Um filho me pediu para ir até a Santa Efigênia comprar uns itens de computador para ele. Quando desci do ônibus na São João senti que ia passar mal. Corri até um bar em uma travessa da avenida e pedi um copo de água mineral. O remédio estava comigo. Ajuda mas não muito. Depois tinha que sentar e respirar por alguns minutos. Foi então que o vi. Nada mais nada menos que Tony Blanco. Maltrapilho, sujo, cara lisa, mantinha o mesmo corpo forte do passado quando puseram nele o apelido de Maciste. Mas era uma sombra do passado. A última vez que o vi foi em 1978, em um Seminário Escoteiro em Juiz de Fora. Nunca mais nos encontramos. – Pois é Chefe faz tempo não? Mas ele não sorria. Tony me conte o que aconteceu ao Pintassilgo?

Morreu Chefe. Morreu. Uma morte horrorosa. Ficamos juntos até 1980. Morávamos juntos, mas sempre mantendo a fleuma de amigos somente. Ele nunca me deixou. O Senhor sabe disto. Por causa dele não casei com a Das Dores. Gostava dela, mas mesmo aconselhando a ele arrumar uma namorada ele ria e dizia – Não quero. Se arrumar vou casar. Se casar você deixa de ser meu amigo. Olhe Chefe muitos interpretaram mal esta amizade. Acho que não entendem que para ser amigos de verdade não precisamos de subterfúgios. Basta gostar. Gostar de maneira simples, sem desejos, sem aspirações que não seja estar junto de quem gosta. Das Dores riu de mim quando disse isso a ela. Interpretou mal. Vim para São Paulo. Pintassilgo veio também. Comecei a trabalhar em uma construtora como Mestre de Obras. Ele também. Alugamos uma pequena casa no Bairro Cajuru. Pequena mas dava para nós.

- Tony, você ainda toca o Clarim? Perguntei. Lembra quando eu e você nos exibíamos na “banda” do Grupo Escoteiro mostrando nossas qualidades? E quando formos servir no exército? Ficaram em dúvida entre eu e você ser o corneteiro da unidade. Ele me olhou e mesmo com os olhos marejados de lágrimas deu um pequeno sorriso e disse – O joguei fora. Tinha de jogar – Porque meu amigo? – Pintassilgo um dia desapareceu. Tentei encontrá-lo por toda a cidade. Perdi o emprego por que não ia trabalhar. Passou-se dois meses. Que falta Chefe eu sentia dele Chefe. Nada ajudava.

Não conseguia emprego fixo. Fui para as ruas. Morador de rua. Aqui e ali uns trocados. A vida ali é dura, mas hoje aprendi. Sei me virar.

- Largou mesmo o escotismo? – Larguei. Cheguei a ajudar em um grupo próximo a minha casa. Mas senti dificuldade. Aqui se fazia tudo diferente. Gostava dos jovens, mas implicaram com Pintassilgo. Ele sempre junto. Falaram coisas que não gostei. Não entendiam o valor de uma amizade. – Olhe, eu fui a várias delegacias, lá zombavam de mim pelo que eu era. Fui a hospitais, Rodei em prontos socorros, fui ao IML e nada. Não dormia direito. Ainda tinha meu clarim guardado na caixa como quando comprei. Havia anos que não tocava. Um dia com minha carrocinha na descida da Avenida Angélica, avistei o Nonô, o Senhor deve lembrar-se dele. Era Monitor da Pica Pau e sumiu também com sua família. Eu não sabia quem era ele. Não tinha cabelos e seu nariz fino e comprido não dava para esquecer. – Ele me viu e me reconheceu. Convidou-me para tomar uma cerveja e até pagou para mim um almoço. Fazia dois dias que não comia.

- Você soube o que aconteceu ao Pintassilgo? Ele disse. – Não! Conte-me. Faz cinco anos que estou procurando. – Morreu torturado por traficantes na Favela da Caixa D'água. – Chorei na hora. – Por quê? Porque meu Deus? – o confundiram com o Maneco Tiro Certo. Eram quadrilhas rivais. Você não sabe, mas sou investigador da 17ª Delegacia. Fui ver uma denúncia anônima. Cortaram sua cabeça, seus braços e pernas. Depois atearam fogo. – Ficamos em silêncio por muito tempo. Eu não sabia o que dizer. – Depois perguntei – E onde foi enterrado? Acho que no Cemitério de Vila Alpina. – E você meu amigo, ainda nesta vida de morador de rua? – Conversamos mais algumas horas e ele se foi. Deixou-me um cartão. – Se precisar telefone disse. Lembrei-me do Chefe Tonho que dizia – Um Escoteiro é sempre irmão. Nunca deixa um dos seus na mão.

- À tarde do dia seguinte fui até o cemitério de Vila Alpina. Tomei um banho no Albergue que fiquei hospedado. Coloquei meu uniforme Escoteiro. Estava guardado. Nunca me desfiz dele. Todos os mendigos de lá assustaram. Peguei um ônibus até Vila Alpina. A mocinha que me atendeu não tirava os olhos de mim. Disse-me onde ele estava enterrado. Joviel Peixoto. Eu sabia seu nome. Não havia sepultura. Um buraco. Mais nada. Pedi uma pá emprestada. Fiz uma tampa de terra. Tirei de outros túmulos um pouco de capim. Claro algumas flores também. Achei duas taboas. Fiz uma cruz. À mocinha me olhava de longe. Já estava escurecendo. Tirei da minha bolsa meu clarim. Meus olhos se encheram de lágrimas. A boca seca. Não conseguia tocar.

- Chefe Osvaldo, eu o vi em pé na sepultura. Sorria, não disse nada, estava de uniforme Escoteiro. Brilhava na escuridão. Me fez a saudação Escoteira. Desta vez toquei meu clarim com garra. E como toquei. O mais triste toque de silêncio que toquei em minha vida. – Sabe Chefe Osvaldo, eu vi, eu vi mesmo muitos que ali morreram ficarem de pé em suas sepulturas calados. Eu vi relâmpagos no céu. Eu vi uma estrela brilhante em cima de nós.

- Enquanto ele me contava o acontecido eu me lembrei de um pequeno poema que tinha lido – “Os clarins tocam pelos heróis, que morrem pela ignorância humana. O Silêncio é das vozes que se calam diante das injustiças e barbárie que são

cometidas contra quem não pode por si, se defenderem”. Eu conhecia o toque. O toquei milhares de vezes. É um toque triste. Fiquei ali com Tony. Eu também chorava. O bar vazio. Dei a ele meu cartão. Escureceu. Não podia mais comprar o que meus filhos pediram. Despedi-me dele oferecendo ajuda. – Obrigado Chefe Osvaldo. Obrigado. Já tenho o suficiente para viver minha vida de morador de rua. É minha sina. Aqui estou vivendo e aqui morrerei. Saiu me dando um aperto de mão e um Sempre Alerta.

- Falar mais o que?

Os amores de Laureano, o Pioneiro do Rei.

Laureano estava perdendo o estímulo para continuar no Clã Pioneiro. Os demais amigos ali eram entusiastas e as reuniões eram bem frequentadas. Laureano já tinha pensado em sair. Só um motivo o mantinha ainda no Clã. Rosália. Isto mesmo. Ele se apaixonou por Rosália. Uma paixão incrível, mas Rosália gostava de Almir. Laureano ia às reuniões e a via ao lado dele, muitas vezes de mãos dadas e olhares lânguidos, amorosos e todos sabiam que dia menos dia eles iriam se casar. Laureano devia saber que o caminho que escolheu não foi o certo. Tentou uma vez ficar sem participar por um mês. Quem sabe poderia esquecer-se dela? Impossível. Uma sede terrível abatia todos os dias seu pensamento. Sede de vê-la, olhar seu sorriso, sentir seus olhos nos seus. Amainar a dor terrível que jazia no fundo do seu coração. O pior de tudo era que Almir era um grande Pioneiro. A caminho de sua Insígnia de BP era um exemplo para todos. Sem ser mandão era um líder que sabia ser liderado. Em todos os programas que o Clã programava ele dava suas sugestões, mas aceitava de bom grado o que a maioria decidisse. Um concorrente no amor impossível de se derrotar.

Naquela sexta chegando à sede Escoteira viu o carro dela se aproximando. Quando parou notou dois jovens estranhos e sem perceber entraram no carro ordenando que seguisse em frente. Era um sequestro sem sombra de dúvida. Laureano ficou sem ação, pois foi tudo muito rápido. Nem mesmo os rostos dos bandidos ele viu direito. Gritou chamando os demais que já haviam chegado à sede. Um deles o Bertinho tinha um fusca e chamou Laureano para tentar encontrar o carro de Rosália. Gritou para os demais para avisar a polícia. Bertinho era amigo de Laureano desde os tempos de tropa Escoteira. Aprontaram poucas e boas na Patrulha Touro. Virando uma esquina

avistaram o carro de Rosália. Parado em frente um caixa vinte e quatro horas. Um sequestro relâmpago só podia ser. Bertinho parou o carro bem atrás dos bandidos. Um erro. Nunca devia ter feito isto. O certo era ir em frente e chamar a polícia. Mas Laureano não pensou duas vezes, correu até o carro de Rosália e tentou forçar a porta para retirá-la dali. Dois tiros. Um no peito e outro no pescoço. Laureano caiu. Jogaram Rosália pela porta.

Laureano ficou em coma quatro meses. Todo o dia lá estava Rosália ao seu lado. O Clã sempre que podia estava também presente. Quando acordou do coma o primeiro rosto que viu foi o de Rosália. Pensou que ela o amava e falando baixinho disse a ela tudo que sentia. Rosália já fazia uma ideia do amor de Laureano. Mas ela amava Almir. Teria que ser sincera. Explicou a Laureano tudo que sentia por ele. Nada mais que uma grande amizade. Laureano fechou os olhos. Preferia ter continuado naquele sono profundo, onde nada via a não ser uma nevoa ao seu redor. Lembrou-se da mulher de branco, do homem das barbas brancas que nada diziam e só sorriam. Quando abriu os olhos ela se fora. Sua mãe e seu pai estavam ali sorrindo para ele. A noite recebeu a visita de Almir. Que grande Pioneiro ele era. Foi franco. Explicou que amava Rosália. Na sua sinceridade o ódio de Laureano se transformava em amor. A escolha era de Rosália dizia, ou ele ou eu. Para ele não importava. Amava Rosália, mas devia saber perder. Não se ganha todas as batalhas.

Um ano depois Laureano já de alta pensava se devia voltar ou não ao Clã Pioneiro. Desde que saíra do hospital praticamente se escondeu de todos. Não respondia aos telefonemas, os recados, nada. Achou que estava esquecendo Rosália. Seu coração já não batia tanto. Uma tarde foi fazer uma inscrição para o vestibular. Já tinha feito pela internet agora era fazer o depósito. Ao sair do banco, deu de cara com ela. Foi uma surpresa. Como estava linda! Ela sempre foi à mulher mais bonita que tinha conhecido. Ela sorriu para ele. Caminhou até onde ele estava. Ela deu para ele aquele sorriso encantador que fazia disparar seu coração. Cinco homens armados anunciaram o assalto. O vigilante reagiu. Uma troca de tiros. Ele pulou em cima de Rosália. Jogou-a ao chão. Fez de suas costas um escudo para ela. Desta vez não houve coma. Não houve volta. Laureano morreu ali com varias balas no corpo.

O cemitério da Saudade nunca viu tantos pioneiros e escoteiros juntos. Até de cidades distantes havia representantes. Nunca se viu tantos pioneiros cantando com emoção a Canção do Clã. Era como se Laureano fosse morar naquela montanha, bem perto do céu, onde existia uma lagoa azul. Nunca se viu tantos pioneiros chorando. A emoção tomou conta de todos. Não se sabe de onde, mas um clarim se ouviu. Alguém “acarapinhado” em uma árvore próxima tocava a canção e todos acompanhavam. Morreu Laureano. Ele estava marcado para morrer. Ele tinha de passar por isto. Na primeira vez escapou, mas na segunda seria impossível. Outras vidas ele teria, se encontraria de novo com Rosália. Também com Almir. Estava escrito nas estrelas. Os amores de Laureano, um rei sem paixão que não perdoava ninguém, a morte encomendada. São coisas do passado. Lá na última morada de Laureano, um casal, ela de branco ele com suas barbas brancas deram a mãos a ele e se foram. Uma nuvem os levou para o céu!

E Maryany a escoteirinha foi para o céu!

Ela nem se lembrava como fora parar ali. Sentia falta de visitas inclusive sua família que a visitava poucas vezes. Nati e Andi duas enfermeiras faziam o papel de mãe e pai. Ela amava as duas mais que seus próprios pais. Ela também tinha dois tios que a faziam rir e sonhar que um dia poderia voltar para casa, correr na escola, abraçar amigos que fizera no passado. Joshua o Contador de Histórias e Titio Aquiles, que se vestia de pirata ou palhaço eram tudo para aquela garotada naquela Ala C do hospital. No início sofreu muito. Seus pais não explicaram a ela o que tinha, e um dia a levaram para o hospital e ela nunca mais saiu de lá. Custou a entender o que lhe aplicavam três vezes por semana. Depois soube que se chamava quimioterapia e Dona Alma uma enfermeira sua amiga disse que só assim um dia ela podia voltar para casa. Ela chorava nos dias que precisava fazer a tal quimioterapia. Vomitava, gritava de dor e muitas vezes teve que ser levada a força. Com seis meses internada Maryany era intima de muitos amigos ali naquela ala do hospital. Maryany nem se lembrava das dores que sofreu antes de ir para o hospital. Tinha saudades de mamãe Eulália e do papai Alfredo. Filha única ela tinha tudo e agora não tinha nada.

Um domingo a vida de Maryany mudou por completo. Não entendeu aqueles dois meninos e duas meninas de uniforme dizendo que tinham recebido ordens de formar ali na ala C, uma tropa de Escoteiros. Ela riu quando disseram isto. Não sabia o que eram os Escoteiros e nem tampouco uma tropa. Os quatro eram formidáveis. Riam, cantavam, faziam jogos e ensinavam as técnicas Escoteiras. Maryany passou a ver sua vida de outra forma. Agora ia para a Quimio mais alegre mesmo sabendo que ia sofrer. Disseram para ela que os Escoteiros não tem medo, que sorriam nas dificuldades. Eram doze naquela ala do hospital. De vez em quando um ia embora e Nati ou Andi diziam que ele tinha ido morar nas estrelas bem próximo de Andrômeda uma galáxia muito distante. Maryany sempre pensava quanto tempo de viagem, pois Guto o seu amigo que dormia próximo dizia que ela iria também para lá. Interessante que dos doze internos nenhum tinha cabelo na cabeça e quando chegavam novos em pouco tempo caíam todos.

Miro o mais Velho dos Escoteiros não sabia ficar sério. Sempre sorrindo e brincando. Alencar sorria também, mas nem tanto como Miro. Lena e Tatiana eram uns amores. As duas logo ficaram muito amigas de Maryany. Em pouco tempo a Tropa Escoteira Dos Guerreiros da Ala C sabia tudo de escotismo. Adoravam quando um deles fazia um jogo, ensinavam um nó, cantavam uma canção. E a lei dos Escoteiros? Maryany sabia de cor. Naquele sábado de setembro ela sentiu no peito uma enorme pressão, calor falta de ar e uma dor por todo o corpo. A quimio fazia efeitos mais

duradouros. Eles sempre batiam palmas quando os quatro cantavam a canção das painéis. Morriam de rir, pois nenhum deles nunca lavou uma painel. – Quando terminarem as provas, disse Miro, eu vou chamar o Chefe para fazer a promessa de vocês! – E o uniforme Miro? – Vamos trazer para cada um. Todos sorriam e ficavam esperançosos em vestir o uniforme dos Escoteiros.

A alegria como os Escoteiros aos domingos era compartilhada por Nati e Andi. Elas não tinham como fechar o coração para a tristeza que abatia quando alguém era levado às pressas para a UTI. Elas sabiam que de lá não voltariam nunca mais. Mesmo amando aquelas crianças de vez em quando uma lagrima caía solta aqui e ali. O Doutor Pascoal insistia com elas para endurecer o coração, mas era impossível. O câncer é terrível, mas nas crianças é mais terrível ainda. Na Ala C todos os médicos e enfermeiras sabiam que não tinha volta. Quem fosse parar ali dificilmente voltaria para casa. Um coração de ferro para aguentar tudo isto. Principalmente quando elas os viam sorrindo, dentinhos brancos, cabeça raspada, uma bata branca igual para todos e nem sabiam que a esperança poderia não fazer morada naquela Ala C.

Naquele domingo tudo aconteceu. Miro disse a Maryany que ela estava preparada. Ia fazer a promessa. Prometeu trazer o uniforme dela no domingo seguinte. Prometeu também trazer o Chefe e toda a Tropa Escoteira. Nunca se viu um sorriso como o dela. Nunca uma alegria de quem não podia ter nada foi tão grande. Nem bem eles foram embora uma dor enorme no peito quase a levou. Foi uma semana onde Laura e Emília foram levadas para morar na Estrela de Cárpeo. Elas que escolheram esta estrela, pois todos que um dia foram parar na Ala C já tinham escolhido sua estrela preferida no céu. A vida é linda para ser vivida. As experiências mesmo as mais difíceis são provas para que um dia possamos crescer mais espiritualmente e aprender com os erros e entender a vida como ela realmente é.

Maryany na quarta gemia de dor. O doutor Pascoal pediu a Nati e Andi que a levassem para a UTI. Ela não iria sobreviver por mais do que uma semana. Lá poderiam aplicar remédios para que a dor fosse menor e quem sabe induzir um coma para que ela pudesse seguir o seu destino. Seus pais não tinham mais esperança, quem sabe na UTI poderia amenizar a angústia e sofrimento que sentiam. Quando Maryany viu que ela seria levada seu mundo desabou. Gritou, chorou, implorou que a levassem na segunda. Ela ia fazer a promessa no domingo era tudo que ambicionava. Ela disse ao Doutor Pascoal chorando que sabia que nunca mais iria voltar. Precisava fazer sua promessa. Queria prometer a Deus e a Pátria que seria uma boa Escoteira na Estrela de Capella. Ela sabia que era onde moravam os bons meninos e meninas que tivessem feito o bem na terra. Prometeu com água nos olhos que não iria chorar de dor. O doutor Pascoal nunca ficou tão emocionado. Aplicou nela uma dose extra de um forte analgésico e ele sabia que em dois ou três dias seu corpo não aceitaria mais o mesmo remédio.

Não foi fácil para Maryany aguentar até o domingo. Mas sua força de vontade era tão grande que quando viu adentrarem na Ala C os Escoteiros ela esqueceu a dor que sentia. Quando Lena e Tatiana vestiram nela o uniforme ela chorava de alegria. Seu corpo queria levantar da cama e não conseguia. Estava fraca demais. Miro tirou seu lenço e amarrou na base onde estava colocado o soro e prendeu seu braço mais alto para que ele fizesse o sinal Escoteiro quando fosse fazer a promessa. Todos

formaram em volta dos meninos e meninas que ali estavam à espera de um milagre. Miro falou alto para o Chefe – Chefe! Apresento Maryany, uma Escoteira que está pronta para fazer a promessa. – Todos fizeram o sinal Escoteiro. Uma Bandeira Nacional foi desfraldada. Quando o Chefe ia dizer para ela repetir uma vozinha simples, carregada de emoção começou – Prometo pela minha honra, fazer o melhor possível para – Cumprir os meus deveres para com Deus e a minha Pátria... Maryany não terminou. Seu semblante sorria, seus lindos olhos negros fitavam o infinito. Seu espírito havia partido. Ela não estava mais ali.

Um silêncio sepulcral tomou conta da Ala C. O Chefe foi até ela e colocou o lenço. Miro o Monitor colocou nela o distintivo de promessa. A tropa cantava baixinho a canção da promessa. Maryany partira, mas sabia o que estava acontecendo. Amparada por anjos vestidos de branco, Maryany a Escoteira orgulhosa com seu uniforme finalmente descansou. Ela foi morar na estrela de Capella. Todos ali na Ala C sabiam que Maryany foi para o céu!

A perseverança - Onde anda ela nos Escoteiros?

“Nada no mundo se compara à persistência. Nem o talento; não há nada mais comum do que homens malsucedidos e com talento. Nem a genialidade; a existência de gênios não recompensados é quase um provérbio. Nem a educação; o mundo está cheio de negligenciados educados. A persistência e determinação são, por si sós, onipotentes. O slogan "não desista" já salvou e sempre salvará os problemas da raça humana.”

Hoje levantei com pensamentos abstratos, tristes, tentei usar meus truques para sorrir. Mudei o fundo musical e não adiantou. Pensei comigo se havia alguma razão para isto. Afinal sou um homem que tem outros ideais e na maioria das vezes sou persistente. Persistente? Pensei com meus botões, quão difícil é ser persistente. Rebusquei no passado até o presente onde eles estão. Eles? Isto mesmo, sempre o escotismo em primeiro lugar. Eles são aqueles que se foram e sempre me pergunto quantos irão ainda? Porque e qual o motivo eles se foram? Os jovens Escoteiros, os valentes e durões seniores, os pioneiros que tentaram explorar as adversidades da vida, os chefes que sorriram nas suas lides Escoteiras, mas que um dia partiram para o ostracismo. Foram tantos e tantos! Quantos cursos eu dei para esta plêiade de chefes? Mil? Dois ou cinco mil? Quantos eu apertei a mão e quantos estão hoje na labuta Escoteira?

Dou uma busca na floresta encantada do Facebook. Eles diziam que amavam o escotismo, o escotismo estava no sangue e tantas cositas mais. Quantos estiveram comigo desde que aqui comecei? Onde estão? Quando penso muito me lembro do poema de Ana Jácomo que dizia: Jogo a minha rede no mar da vida e às vezes, quando a recolho, descubro que ela retorna vazia. Não há como não me entristecer e não há como desistir. Deixo a lágrima correr, vinda das ondas que me renovam, por dentro, em silêncio: dor que não verte, envenena. O coração marejado, me arrumo como posso, os meus sentimentos. Passo a limpo os meus sonhos. Ajeito, da melhor forma que sei, a força que me move. Guardo a minha rede e deixo o dia dormir. Com toda a tristeza pelas redes que voltam vazias, sou corajosa o bastante para não me acostumar com essa ideia. Se gente não fosse feita pra ser feliz, Deus não teria caprichado tanto nos detalhes. Perseverança não é somente acreditar na própria rede. Perseverança é não deixar de crer na capacidade de renovação das águas. Hoje, o dia pode não ter sido bom, mas amanhã será outro mar”. E eu estarei lá na beira da praia de novo”.

Gosto deste poema, me lembra do Antonio, o Pedro, O Jacob, o Jessé e o Marcos, do Neném, do Luiz, do Geraldo, Do Romildo, do Aranha, da Martinha, da Neusa, poxa vida, quantos foram? E olhe nunca esqueci o João e a Lourdinha. Nomes que fincaram pé no meu coração e hoje não sei onde estão. Lembro-me dos seus sorrisos nas tropas Escoteiras e nas alcateias da vida. Como se fosse hoje os vejo de bandeira solta ao vento subindo montanhas em busca das aventuras sem fim. Desistiram? Cansaram? Será que a perseverança não os atingiram fundo no antes e no depois da lua cheia? Paciência e perseverança tem o efeito mágico de fazer as dificuldades desaparecerem e os obstáculos sumirem. Poetas. Ah! Poetas. Sempre a dizer que a persistência é o caminho do êxito. Mas porque se foram? Todos nós sabemos que o sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Não dizem que chama perseverança quando é por uma boa causa e obstinação quando é por uma coisa ruim?

Dizer que nossa maior glória não reside no fato de nunca cairmos, mas em levantarmos sempre depois de cada queda todos dizem. Mas isto é fato? Quão difícil é perseverar, insistir, permanecer e persistir nas sendas Escoteiras. Se voltar meus olhos ao passado e vejo quanto jovens se foram me entristeço. Posso culpá-los? Os motivos que os levaram a outros caminhos não tem significado para mim? Quem sabe eles tem a razão que eu desconheço. Dez anos, quinze, vinte e quarenta. E depois quantos continuam? Uns minguados como eu? Eu sei que dizem que boas atividades grandes jornadas e belos acampamentos amarram nossa vida a esta bela coisa que se chama escotismo. Mas quantos dizem isto e quantos conseguem fazer por anos a fio? – Não é fácil. É difícil mesmo que “mormente” façamos cursos e cursos, que aumentemos nossa biblioteca Escoteira, que nossos amigos fiquem do nosso lado nos incentivando.

Não é fácil. Os jovens se vão com muita facilidade, os chefes os seguem com o passar dos anos. E porque não cantar e dizer que voltar a Gilwell de novo não seria uma motivação? Mas onde está Gilwell? De novo outro curso, ficar ouvindo alguém ensinar que nosso caminho nos leva ao sucesso. Mas quantas vezes ouvimos isto? Chega a hora de partir e não tem volta. Porque eu fiquei? Porque mesmo Velho e cansado sem poder me alimentar do ar das montanhas do aroma da terra molhada eu ainda continuo? Eu

sei que canto a canção de Gilwell sempre: - Em meus sonhos, volto sempre a Gilwell. Onde alegre e feliz eu acampe! Vejo os fins de semana com meus velhos amigos, e o campo em que eu treinei. É mais verde a grama lá em Gilwell, onde o ar do Escotismo eu respirei. E sonhando assim vejo B-P que sempre viverá ali.

É acho que precisamos levar nossos amigos chefes Escoteiros a Gilwell. Uma boa dose de ar puro, só eles os chefes, sorrindo em suas patrulhas, cozinhando, construindo belas pioneiras, fazendo desafio às outras patrulhas de chefes, sem ter chefões por perto a fazer discursos, a jogar quando quiserem, a formar se acharem que devem, sem apitos loucos zunindo nos ouvidos da natureza. Sentir na pele o som maravilhoso dos pássaros, sem ter de dizer se podem colocar os pés na água fria do riacho. Olhar para o céu e tentar entender as nuvens brancas que se espalham, a sentir o vento no rosto, e quando a noite chegar, quando a fumaça da lenha do fogão dizer que a boia esta pronta, sorrir entre si e contar belos causos. Causos que se estenderam pela noite no Fogo de Conselho, na conversa ao pé do fogo, sentir a noite cantar e olhar um céu estrelado para poder melhor compreender a bela natureza ao seu redor.

Se nos meus sonhos eu volto sempre a Gilwell, se eu era um bom lobo e não estou mais lobeando, preciso urgente de voltar a Gilwell. E aí quem sabe, eu e meus amigos motivados iremos continuar com os pés no chão, junto a esta escoteirada que dependem muito da gente. Mas penso com meus botões, existem ainda estes acampamentos? Podemos voltar a Gilwell para viver o escotismo que sonhamos?

É mais verde a grama lá em Gilwell
Onde o ar do Escotismo eu respirei
E sonhando assim vejo B-P
Que sempre viverá ali.

Era uma vez... Na Morada da felicidade...

Era uma vez, em um país muito distante, havia um Grupo Escoteiro que se chamava a Morada da Felicidade. Era um grupo onde todos eram muito felizes. O sorriso ali era espontâneo. Uma prática que todos os membros do grupo faziam questão. Os abraços, os apertos de mão, os elogios, e a vontade de servir eram ponto de honra para todos. Não havia tristezas e parecia que eles tinham alcançado o Caminho para o Sucesso, ou melhor, da felicidade.

Barbas Brancas era o "Chefe" Escoteiro deles. Um verdadeiro pai. Amigo, sincero e sempre junto para ajudar no que fosse necessário. Havia inúmeros chefes. Rosa Prateada a Akelá, Esquilo Sorridente o Chefe da tropa, Lobo Vermelho o Chefe Sênior e tantos outros que se amavam e se respeitavam. Nos dias de reuniões, parecia que o céu ficava mais azul e o sol brilhava só para eles. As estrelas cintilantes escondidas naquela hora do dia ficavam aguardando ansiosas quando eles estiverem cantando em um fogo de conselho lá na mata verdejante, ou no bosque da Prosperidade onde sempre montavam suas barracas verdes e amarelas.

Um dia, porém o inevitável aconteceu. O pároco da igreja onde eles tinham a sede chamou Barbas Brancas e deu a notícia fatídica – Vocês infelizmente tem dois meses para desocupar. Recebi instruções de Vossa Eminência o Bispo Matusalém, que todas as paróquias devem ter uma sala própria para utilização das Congregações que iram se formar em todas elas. Infelizmente – continuou – Só temos essa.

Não haveria acordo. Não haveria recuo. Dois meses e a sede desocupada. Trinta anos ali, trinta anos formando cidadãos honestos na comunidade. O coração de Barbas Brancas bateu forte. Seus olhos ficaram molhados das lágrimas que caiam. Um conselho de chefes tomou conhecimento de tudo. Planos, discussões foram postos em prática. Dois meses. Muito pouco tempo. Eles não sabiam como agir. Nunca tiveram ódio, rancores e nem sabiam como brigar pelos seus direitos. Em seus corações só habitavam o amor e o carinho.

Na reunião da semana, no cerimonial de bandeira todos foram comunicados. De felizes agora só se ouviam lamentações, lágrimas, queixas e todos acreditavam que a Morada da Felicidade nunca mais iria existir. Aguas cristalinas, uma guia chorou alto. Serra Alcantilada o Monitor Sênior começou a rezar. Até Ventos na Face um Pioneiro antigo não sabia o que dizer.

Olhos azuis um lobinho da matilha cinzenta e Sorriso Encantador uma lobinha sua amiga foram para um canto da sede e não choraram. Eles eram firmes nas suas palavras e ações. Diziam que deveria haver uma saída. Deixaram a reunião, subiram as escadas e procuraram o pároco. Este nem ligou. Se querem resolvem falem com o Bispo Matusalém. Foi ele quem ordenou.

Pegaram o ônibus. Palácio Episcopal. O Secretario dizia que o bispo não podia atender. Por quê? Se ele viveu tanto, mais de mil anos deve ser um sábio. Afinal todos dizem que ele é um homem bom. Filho de Enoch, e agora não pode nos receber? – O Bispo Matusalém passava ali na hora. Sorriu divertido. – Quem são vocês? Perguntou. – Eu sou Olhos Azuis, lobinho da matilha cinzenta. Sou segundo primo e tenho a segunda estrela, essa é minha amiga, Sorriso Encantador, também segunda estrela e da minha matilha. Sabemos a lei do lobinho de cor e sabemos que o senhor é o culpado da nossa infelicidade.

Logo a seguir beijaram o anel pastoral e fizeram uma genuflexão diante dele. O Bispo Matusalém assustou. Por quê? Disse – Porque Vossa Eminência tomou nossa sede, o pároco disse que temos de morar na rua! E agora? Pensou ele. Venham

comigo disse. Foram até a sala de visitas. O Bispo Matusalém serviu chocolate e biscoitos amanteigados. Obrigado Eminência, mas não podemos. Na matilha ou todos comem ou não comem nenhum!

O Bispo mandou seu secretário preparar o carro. Foi até a sacristia e pegou duas latas de biscoitos e muitos chocolates. Olhos Azuis e Sorriso Encantador entraram no carro e foram com o bispo até a sede do Grupo Escoteiro Morada da Felicidade. Uma festa. Veio o pároco. Ordem do Bispo, a sede é de vocês por centenas de anos! O Bispo Matusalém distribuiu chocolate e biscoitos amanteigados a escoteirada. Ficou amigo de todos. Barbas Brancas sorria. Águas Cristalinas, Serra Alcantilada e Ventos na Face batiam palmas.

A paz voltou a reinar no Grupo Escoteiro Morada da Felicidade. O sorriso ali nunca deixaria de existir. Sempre teria alguém para encontrar o caminho do sucesso. Desta vez foi Olhos Azuis e Sorriso Encantador. Mas sabiam que nas dificuldades sempre temos alguém preparado para pular por cima. Já diziam os poetas que as dificuldades são como as montanhas, aplainam-se quando avançamos sobre elas e quanto maior a dificuldade, tanto maior é o mérito em superá-las.

E eles, os escoteiros sonhadores da Morada da felicidade viveram felizes para sempre!

Moral da história – Nos Grupos Escoteiros onde existem diálogos, entendimentos, compreensão, sorrisos e fraternidade é claro que todos irão viver felizes para sempre!

Nas terras bravias do Lago Dourado.

Foi uma noite calma. As estrelas não cintilavam no céu como no dia anterior. Algumas nuvens brancas as cobriam como se fossem um manto protetor. A lua se fora há tempos. Achei que ia chover. Não choveu. Meus olhos estavam fechados. Dormitava pela madrugada fria. Um pequeno tronco me serviu como travesseiro. Coisas de um "Velho" mateiro acostumado. Um pequeno fogo ao lado agora só brasas com pequenas fagulhas que se inibiam ao subir aos céus me davam um pouquinho de calor. Pela aba do meu chapéu de três bicos eu podia ver a escuridão da noite. Gostava dela. À noite. Era minha amiga de muitas e muitas jornadas.

Não ansiava pela madrugada. Que ela chegasse de mansinho como à brisa que aparece trazida pelo vento. Não era um arbusto e quem sabe seria um pequeno arvoredor que encontrei perdido naquele vale dos sonhos onde dormia. Serviu-me de manto para a noite gostosa daquele inverno que não fora tão rigoroso como os anteriores. Minha mochila ao lado era minha companheira de anos e anos de caminhada. Sempre fora. Dentro dela com carinho estavam minhas “bugigangas” de mais uma jornada. Meu bernal pendurado no galho guardava minha “matutagem” caso

tivesse fome. Abri um olho de mansinho. Avistei uma cigarra azul que cantava baixinho seus cantos noturnos. Gosto das cigarras. Fazem-se de pródigas e só aparecem uma vez ao ano. E como são lindas. Amo-as! Muito!

Senti uma brisa leve no rosto. Soprava gostosamente. Gostosa mesmo. Afagante. A brisa. Sempre perdida por aí. Nas montanhas, nos vales nos rios caudalosos ou no pequeno riacho de águas turvas. Uma amiga. Não se esquece da gente. Os anos passam e lá está ela. A madrugada não iria demorar. Grilos falantes pareciam fantasmínhas na escuridão noturna. Melhor tentar dormir. Fora um dia e tanto. Uma grande jornada de um "Velho" Escoteiro sonhador. Um vagalume pousou no meu ombro. Sorri para ele. Enrosquei-me na Manta Negra que um dia a muitos e muitos anos meu Vô me deu com carinho. Não sentia frio. O corpo curtido pela idade já não era aquele de um passado que se foi.

Um pequeno lusco fusco. Sinal que ela a madrugada ia chegar. Eu gostava das madrugadas. Eram lindas. Não importava se com sol ou com chuva. Adorava as madrugadas nos campos perdidos deste mundo de Deus. O cheiro da relva, das flores silvestres. O cheiro da terra. Ah! Maravilhoso! Tive madrugadas que marcaram. Com brumas a cobrir o campo verdejante, com brumas sobre os lagos azuis, cinzentos e vermelhos com o sol cobrindo-os. As brumas. Ah! Adoro-as. São lindas, querem cobrir meus olhos. Não querem que você veja ninguém só elas. Mas choram. Choram porque o sol irá chegar e elas terão que ir para longe, aonde ele o "Senhor Sol" ainda não chegou.

Lá no horizonte um pequeno brilho. Pequeno mesmo. O sol. Ele estava chegando. Gostava de anunciar sua chegada. Era o rei. Não era um astro qualquer. Não aparecia assim do nada. Anunciava que se preparassem todos. Uma pequena claridade, um pequeno vermelho desbotado, raios brancos tingidos de amarelo ouro e eis que ele aparece. A montanha o reverencia. O dia nasceu. Eu estou acordado. Uma hora sagrada. Sempre gosto de ver o nascer do dia. É como se fosse uma criança chegando ao mundo. As brumas cinzentas me disseram adeus. O orvalho se escondeu. A última gota do orvalho caiu de uma folha adormecida. A brisa insistente continuava lá a me acariciar o rosto. Não se afastava. Uma amiga de épocas e épocas passadas.

Hora de partir. Não disse adeus para todos eles que me acompanharam a noite e no lusco fusco da manhã. Não precisava. Eles sabiam que não era mais que um até logo, não era mais que um breve adeus. Eu voltaria. O "Velho" Escoteiro não para. Em sonhos ou pisantes nos meus pés hoje cansados. Ajeitei meu lenço, arrumei meu meião. Calcei meu velho coturno de guerra. Mochila as costas, pendurei meu bernal no ombro. Minha forquilha de anos e anos e agradei o arbusto que me serviu de lar e parti. O chapéu de três bicos já estava no lugar. Meu rumo? O mesmo de sempre. A busca da aventura para onde o vento me levar. Sabia que em algum lugar iria encontrar o Lago Dourado. Diziam que não tinha peixes. Que uma bruma cinza o cobria por todo o tempo. Isto eu iria ver quando chegasse com meus próprios olhos.

O sol a pino. Gosto disto. Os primeiros pingos do suor caem e somem na estrada da vida que leva a rumos impossíveis. Meu chapéu de abas largas me protege. A forquilha me ajuda a andar e achar o caminho. Uma montanha verde, cheia de lindas

árvores e floridas já avisto ao longe. Deve estar perto a minha busca incessante. Quem sabe na virada da curva da Raposa que Chora eu encontro o Lago Dourado. Acordo. Era um sonho. Sempre sonho com este lago. Um dia irei encontrar. A cada dia em meus sonhos mais me aproximo. Ainda estou sentado na minha varanda encantada. Dou um sorriso. Uma tarde linda. Lá fora ainda o sol. Não há brumas. Até o lusco fusco da tarde já não é mais o mesmo. A brisa lá fora sopra mansa e calma para quem passa naquela rua da minha morada. Gosto dela nunca deixou de me acariciar o rosto. Mais um dia terminando. Ele vai passar como tantos que passaram. E no meu amanhã eu voltarei. Na minha varanda dos sonhos vou sonhar e quem sabe um dia nestes sonhos impossíveis eu vou encontrar o Lago Dourado. Não vou desistir dos meus sonhos. Eles fazem parte de mim. A cada dia eu digo, não desista "Velho" Escoteiro. Digo sempre – “Eu voltarei”. Quem sabe um dia eu poderei dizer que encontrei o meu querido Lago Dourado?

Não tenho medo do frio, não tenho medo de nada
Não tenho medo da vida e com ela me sinto forte,
Minha vida é tristonha, talvez a chuva molhada
Lembra-me do meu pavor, o choro da madrugada
Só a solidão me apavora, por isto não tenho sorte
E repito mil vezes se preciso, eu não tenho medo da morte
Oswaldo, um escoteiro

Réquiem para um incesto maldito.

Eu tinha 16 anos quando matei meu pai. Não se assustem. Ele merecia. A morte para ele foi até um bálsamo. Eu devia tê-lo capado como se capa uma porca no chiqueiro quando o matei. Não sei se éramos uma família feliz. Não sei mesmo. Eu minha irmã mais velha e a minha mãe estávamos sempre juntas. Quando meu pai vinha da lida na roça, nós ficávamos apavoradas. Meu pai estuprou minha irmã quando ela fez onze anos. Minha mãe não pode fazer nada. Ele a amarrou no pé do Juazeiro que tinha em frente de casa. Eu ele não se preocupou. Tinha apenas seis anos.

Dizem que tudo tem uma primeira vez, depois a culpa não mais existe. Torna-se uma rotina. Meu pai fez de minha irmã, uma puta particular. O ódio começou a tomar conta de mim já com meus sete anos. Minha mãe tentou tudo, mas não conseguiu nada. Só perder todos os dentes da boca, devido à sova que levava todos os dias. Minha irmã ficou prenhe e quando nasceu seu menino, ela não aguentou e morreu ao dar a luz.

Meu pai pegou o bebê e o jogou nas águas do rio Curimataú. Nem soube se ele estava vivo. Se estava às piranhas o comeram vivo.

Nosso vizinho mais próximo ficava a mais de vinte quilômetros. Meu pai plantava mandioca, abobora na barranca do rio, tínhamos um pouco de feijão que ele cultivava na larga do capão redondo. Ali também tinha milho e um pouco de arroz. Soltas em no pasto, oito vacas nos dava o leite do dia. Ovos não faltavam, as galinhas ciscavam em volta da casa. O rio era piscoso. Não passávamos fome, mas ele tinha outra fome. Insaciável. Não dava sossego a Barbara. Era de manhã, de tarde e de noite. Um dia pegou uma vara grossa de marmelo e bateu em minha mãe até ela morrer implorando perdão. Perdão não sei de que.

Nessa época tinha feito 10 anos. Meu ódio já existia e eu o olhava como se olhava um monstro. Não sabia que monstro era. Eu não conhecia nenhum, mas tinha ouvido falar. Não aprendi a ler e nem escrever. Meu pai enterrou mamãe junto a Barbara, lá bem próximo à curva das cinco pontes. Não, claro que não havia pontes. Nem sei por que esse nome. Ninguém estranhou. Ninguém deu falta de mamãe e da minha irmã. Não recebíamos visita. Todos tinham um enorme medo de papai.

Na primeira noite que fiquei sozinha com ele, ele se embebedou de cachaça. Pegou-me pelos cabelos, rasgou minhas roupas e me comeu como se comesse uma franguinha no mato. Gritei de dor. O maldito nem aí. Quando ele entrou em mim, que dor dos infernos! Filho da Puta eu penso até hoje. Dez anos. Violentada pelo próprio pai. Virei daí em diante, a nova puta de papai. Onze anos, doze, treze e engravidei. Meu neném nasceu e ele o pegou ainda sujo do meu útero. O pobre ainda chorava quando meu pai o jogou no rio. Implorei para não fazer isso. Mas ele nem ligou. Deu-me um chute no rosto. Parei de chorar. Agora não falava mais nada. Não valia a pena.

Quando fiz dezesseis anos, resolvi acabar com a vida dele. Chegou da lida, pegou a garrafa de cachaça e bebeu feito um porco. Eu sabia como era. Todos os dias a mesma coisa. Se embebedava e vinha me comer. Sem banho, sujo fedendo feito macaco prego do peito amarelo. Naquele dia fingi que gostava, ele estranhou. Disse-me até umas palavras carinhosas. Trouxe mais cachaça. Ele bebeu e ria babando no seu corpo nu. Ficou desfalecido na cama. O arrastei até o pé de Juazeiro e coloquei óleo e querosene que usávamos para as lamparinas, e risquei o fósforo com prazer.

Ele berrava de dor, tentou levantar, mas estava muito bêbado e eu tinha um pau enorme e grosso nas mãos. Dei nele uma cacetada e ele desmaiou queimando como se queima a roça abandonada. Ele ainda gemia e eu sorria. Por minha mãe, por Barbara dizia. Pelos bebês que você jogou para as piranhas. Quando o fogo se apagou ele ainda não tinha morrido. Peguei a faca de cozinha e cortei o membro dele. Ainda deu um grito estridente. Agora sim, estava morto. O joguei no rio para as piranhas. Não merecia um enterro decente.

A vida mudou para mim. Estava agora sozinha. Não tinha idéia do que devia fazer. Meu nome é Branca, minha mãe dizia que significava luminosa, brilhante e eu era uma moça receptiva e otimista. Não sei. Não era nada disto. Eu nunca tive vida própria. Fui até a roça de papai e vi que podia colher muita coisa. Não sabia plantar, mas eu iria

aprender. Aprender? Afinal será que ia ficar ali sozinha de novo? Cheguei à conclusão que devia partir. Para onde não sabia. Mesmo assim fiquei mais oito meses sem saber aonde ir.

Modesto apareceu pela manhã, assim, como se não quisesse nada. Disse que estava de passagem. Perguntou pelo meu pai e minha mãe. Disse mentindo que tinham ido a Lázaro Feliz fazer compras. Lázaro ficava a vinte e dois quilômetros e a pé, quando meu pai ia até lá, demorava dois dias para voltar. Ele apeou do cavalo mesmo sem eu o convidar. Pediu-me um gole d'água. Eu já sabia no que ia dar. Afinal ainda era bonita. De pele clara, cabelos castanhos, seios desenvolvidos, um belo corpo para os meus dezessete anos.

Ele entrou em casa sem me pedir e me chamou dizendo que ia me comer. Eu podia dar para ele sem reclamar ou a forma, a decisão era minha. Outra vez? Pensei. Modesto era forte, muito. Eu não tinha como lutar com ele. Fingi aceitar. Fui até a cama da cozinha, ele tirou a roupa, ficou nu com um membro enorme balançando. Sorri para ele, e comecei a tirar a roupa, disse que antes tinha de lavar o que ele queria. Ele riu. Fui até o gaveteiro, tirei uma enorme faca de capar e limpar porco. Tirei a roupa e com a faca escondida nas costas com a mão me aproximei dele sorrindo. Ele ria, agora sim deve ter pensado. Vou comer essa linda menina!

Modesto Foi comer a mulher do capeta. Lá nas profundas do inferno! Enfiei a faca nele sem dó. Cortei seu pescoço como cortava as galinhas quando eram preparadas para o almoço. Ele deu um grito só e o sangue espirrou para todo o lado. O arrastei até o rio. Coitado do rio Curimataú. Não fazia nada só nos ajudava e tinha que aguentar aquelas “porqueiras’ que eu jogava em suas águas”.

Eu já sabia onde papai guardava suas reservas financeiras. Tinha mais de oito mil reais. Um dinheirão. O filho da mãe não gastava e vendia sempre uma vaquinha, um boizinho e nunca nos deu nenhum conforto. Partii em uma manhã de junho. Cheguei à noite em Lázaro feliz. Soube que um ônibus partiria às onze da noite para Salvador. Uma viagem gostosa, nunca tinha andado de ônibus. Dez horas de viagem e amanhecemos na capital da Bahia.

Espantei-me com a cidade, linda, casas e prédios. Procurei uma pensão e me instalei. Meu dinheiro eu guardei a sete chaves. Debaixo da cama abri um buraco, enterrei numa lata de doce vazia. Fiquei só com duzentos reais. Dormi até tarde. Para dizer a verdade não lembrava mais de nada do que me tinha acontecido. Aqueles dois que matei mereciam. Se tivesse de prestar contas, seria a Deus o meu protetor. O diabo que fosse para os infernos. Risos, me esqueci de que ele morava lá.

Seis meses de Salvador, já conhecia a cidade e muitos homens me procuravam, mas eu não me interessei por ninguém. Arrumei um emprego de Gari. Foi ótimo. Fiz muitas amizades. Uma noite Marcelinha me convidou para uma festa de aniversário próximo a casa dela. Fui apesar de que não gostava muito de festas. Um homem loiro, até bonito não tirava os olhos de mim. Marcelinha me disse que era Frances. Falava mal o português. Estava de férias e ia voltar para a França daí a uma semana.

Aceitei seu convite para sair. Gerard era educado. Muito. Nunca vi ninguém assim. Dizia estar apaixonado por mim. Eu não sabia o que sentia. Uma tarde antes de ele partir me levou a um motel. Foi calmo, amoroso, acho que até gostei do que fizemos. As dores que sentia de meu pai desapareceu. Quando saímos do motel disse que queria casar comigo. Eu iria com ele para a França. Não devia ter aceitado, mas minha amiga tanto insistiu, dizia que eu seria uma Lady ou uma Mademoiselle. Eu nem sabia o que era isso. Mas lá fui eu com Gerard. Que viagem. Uma maravilha. Adorei a viagem de avião. Primeira classe, as moças sempre perguntando o que eu queria. Em Paris ele me levou a diversos lugares lindos. O Museu do Louvre, o Chateau de Versailles, A Torre Eiffel, o Arco do triunfo, a Basílica de Sacre Coeur. Mas o que mais me encantou foi o Jardim de Luxembourg, um dos mais bonitos de Paris. As flores, as cores delas estavam lindas. Tudo florido. Muita gente sentada nas cadeiras observando. Fiquei ali estática, sem nada dizer.

Uma moça ignorante, analfabeta, vivendo aquilo sem saber o que era, foi como um conto de fadas as avessas. Ficamos em Paris uma semana e partimos para Colmar. Seria onde iríamos morar. É uma pitoresca cidadezinha francesa, situada na alsácia bem pertinho da divisa com a Alemanha. Não merecia aquilo. Deus me deu o que eu não podia ter. Gerard me tratava como uma princesa. Sabia que eu era analfabeta e me prometeu ensinar a ler. Claro, seria em Frances.

Mas nem tudo que é doce dura para sempre. No segundo mês de casada Gerard foi até Stuttgart na Alemanha a serviço. Gerard era advogado e sempre tinha coisas a resolver fora de Colmar. Ah! Destino. Ele me persegue. Não quer que eu seja feliz. De novo um vizinho gordo, feio e claro, bêbado bateu a porta da minha casa. Abri e ele entrou sem pedir. Eu já o conhecia e educadamente o cumprimentava. Acho que ele não entendeu.

Tirou o membro para fora e disse para eu pegar. Fazia gesto, eu horrorizada tentei sair pela porta correndo. Ele não deixou. Apesar de gordo era forte. Só sabia dizer - Puta brasileira. Puta brasileira. Arrastou-me até o quarto, era no andar de cima. Um lance de escada, ele escorregou e caiu com a cabeça no piso. Morreu na hora. Sai gritando chamando os vizinhos. A polícia chegou. Levaram-me presa.

Eu estava em minha casa, me defendi e fui presa. Mas acho que merecia, matei meu pai e o homem que tentou me estupro pela segunda vez. Agora não. Eu sabia que era inocente. Nem encostei-me ao "leitão bêbado Frances" Ele caiu de bebida no bucho. Gerard tentou entender. Mas não sei se entendeu. Acho que ele acreditava que eu queria alguma coisa com o vizinho, pois só assim ele entraria na casa. Ele até que foi condescende. Pagou um advogado, pois ele não queria me defender.

Fui condenada a 18 anos de cadeia. Sem direito a sair mesmo com bom comportamento. Estou aqui há 15 anos. Falta somente três. Fiz muitas amigas aqui na prisão. Todas elas me disseram que poderiam me ajudar quando eu saísse. Eu não sabia se ia voltar para o Brasil. Acho que lá o passado poderia voltar. Gerard nunca me visitou. Uma amiga de cela ficou marcada em meu coração. Rosália era natural de San

sebastian, uma cidade localizada a beira mar no golfo de Vizcaia, no norte da Espanha. Ela dizia que era linda. Lembrei-me de Salvador.

Quando sair, irei morar lá com Rosália. Ela nunca me disse o que fazia e nem perguntei. Mas acredito que depois de tudo que passei, mereço uma vida melhor e vou lutar por isto. Sei que não será fácil, mas eu vou conseguir. As lembranças do passado já estão sendo esquecidas. Meu pai e Modesto devem estar juntos se abraçando com o demônio, pois nunca mais voltaram a me importar com pesadelos. Não posso dizer que Deus os tenha. Mas digo com prazer, que o tinoso, o maldito, o coisa-ruim e o Lúcifer das trevas proteja-os para nunca mais sair deste fogo dos infernos.

Futuro?

Uma palavra muito difícil de dizer diante do presente, pois não sabemos o que vai acontecer diante dele para existir esse tal de futuro. Pode ser que tenha planejado ele, mas de uma hora prá outra todas suas idéias podem mudar.

Quem já não pensou como vai ser? Se realmente vai ser do jeito que pensou? Mas isso só Deus sabe, não é a gente que decide.

Existem várias formas de fazer um futuro, como pensar o que vai ser da minha vida profissional, meu casamento, filhos e por aí vai...

Sendo que primeiro na nossa vida temos que ter o presente, para depois termos um futuro, e isso não é uma vidente que vai descobrir. Você mesmo pode fazê-lo e também escolher quem vai estar nele junto com você.

Para isso é só ter força de vontade e ser feliz, para que seu esperado futuro seja tranqüilo e seguro. E pensar que o futuro sempre está começando agora.

Eliene – blog – Vejo o mundo de outra maneira.

Pikitito, um Grilo feliz da lagoa dos Mares.

Joyce sentiu quando o grilo pousou em seu ombro. Lobinha amiga dos animais plantas e insetos ela olhou de lado e sorriu. Já tinha visto muitos grilos. Gostava de ver os saltos que eles davam. Como inseto ela achava que eles eram um dos maiores existentes no Brasil. Ela sabia que nem todos possuíam asas, mas tinham os melhores órgãos auditivos para perceber os sons produzidos pelas suas próprias asas. – O que vocês vieram fazer aqui? Perguntou o Grito. Joyce riu. Um grilo falante? - Você fala? Disse ela. – O grilo olhou para ela indignado – Claro, ou você acha que eu estou

latindo? – Não precisa ser mal educado seu grilo – Me chame de Pikitito. Este é meu nome que meus pais me deram quando nasci. – Mas me diga o que ele e o outro estão medindo com uma trena? – Vamos fazer aqui um grande acampamento de Escoteiros. Serão mais de mil, ela disse – Nem pensar! Não podem. Neste capinzal está nossa cidade, ou melhor, nossa capital. Grilolândia está aqui a mais de mil anos. Não podem destruir nossa cidade.

- Veja você continuou o grilo, ou melhor, Pikitito. – Aqui neste pastinho temos nosso alimento. Se vier a noite aqui vai nos encontrar almoçando e jantando. Aqui temos plantas, cereais, fungos, tecidos de lã e restos de outros insetos. – Se acamparem aqui irão destruir nossa cidade – Olhe seu Pikitito não estou duvidando, mas meu tio é um cara chato. Chato mesmo. Quando põe na cabeça um plano difícil desfazer dele. Sabe como ela se chama? Chefe João Cabeçudo. – Você diga a ele que se não desistir vamos chamar os grilos de todo o mundo. Serão milhões, pois cada grilo fêmea não sei se sabe coloca mais de 100 ovos por mês. – Quer conhecer nossa cidade? Quero sim disse Joyce. O grilo disse, põe o dedo nas minhas asas e repita comigo – Pic, pok, kilo, vou para a cidade dos grilos! Mas fale o mais alto que puder. Joyce não se vez de rogada. – Depois de gritar as palavras mágicas ela ficou pequenina do tamanho do grilo, ou melhor, Pikitito.

A cidade era linda. Praças, chafariz, prédios enormes, escolas, universidades tinha tudo da cidade dos homens. – Nem tudo disse Pikitito. Aqui temos a paz e vocês não tem. Não precisamos de policia, nem de exércitos. Somos todos irmãos. Não é assim que dizem vocês Escoteiros? – Joyce estava entusiasmada com tudo que via. Foi apresentada ao Mestre Catuaba, que fazia às vezes de prefeito e juiz. Ao Doutor Magnésio que curava todas as dores dos grilos. E a maior surpresa. Visitou o Grupo Escoteiro Grilo Feliz. Tudo que nós fazíamos eles faziam também. Só que melhor. Uma disciplina incrível. As patrulhas completas, os uniformes bem postados, fomos até próximo da Lagoa dos Mares onde estava acampando duas tropas uma masculina e uma feminina. Próximo em uma fazenda lobinhos grilos se divertiam felizes.

- Me leve de volta, pediu. Meu tio tem de entender. Ok! Repita de novo - Pic, pok, poney vou para a cidade dos homens! Joyce voltou ao tamanho normal. Falou com seu tio que deu risadas – Joyce, lugar de sonhar é na cama. Aqui não. Cidade dos grilos? Só você para contar esta piada. – Tio, se não desistir do Ajuri Escoteiro aqui eles irão chamar todos os grilos do Brasil e comerão tudo que encontrem pela frente. Irão destruir todo o acampamento – João Cabeçudo morria de rir. Sua sobrinha tinha uma mente fértil. – Joyce pegou na mão dele. Tio me faça um favor. Só um e não falo mais nada – Diga comigo junto – Pic, pok, Kilo! - está bem ele disse. E gritou alto o que ela pedia. Sentiu uma pressão no corpo. Estava diminuindo. Vários grilos o carregaram até uma pedra enorme que havia no meio do lago. Milhares de grilos estava lá. Quando o levaram ele levou o maior susto. Viu embaixo uma grande cidade onde iriam acampar.

Mestre Catuaba e Doutor Magnésio presidiam um júri e ao lado vinte grilos que seriam os jurados. Mestre Catuaba explicou a ele que seria julgado e se culpado e devorado pelos grilos. João Cabeçudo não acreditava no que via. Começou a gritar – A grilaiada ria de morrer. Lá grandão era valente aqui um chorão. – Leve-o Joyce, disse Doutor Magnésio. Ele aprendeu a lição. Pic, pok, poney e eles voltaram.

João Cabeçudo quando viu que voltaram pulou de alegria. Chamou seu amigo Chefe e disse que deveriam escolher outro lugar – Mas não tem terreno limpo como aqui – João Cabeçudo riu e disse – Não se preocupe. Fiz novos amigos. Eles me prometeram me ajudar para limpar a área escolhida.

Todos os sábados Pikitito o Grilo Feliz visita Joyce na reunião da Alcateia. Os lobos aprenderam a gostar dele. Foi uma amizade que durou muitos anos. O chefe João Cabeçudo aprendeu uma lição. Respeitar os direitos dos outros mesmo que estes outros sejam insetos. E assim termina a história.

A lenda de Sasquatch, o lobo solitário da Montanha de Cristal.

Esta é uma história de um lobo, um lobo solitário que nas madrugadas vagava pela Montanha de Cristal com seu uivo sinistro como a pedir à ajuda que nunca teve. Dizem que ele chorava, que de seus olhos negros sempre se via uma lágrima a cair. Não é uma história de um final feliz. Disseram por aí e eu não posso afirmar que os lobos nas montanhas andam em matilhas, o mais forte protege o mais fraco, mas quando ele está Velho, sem condições de sobrevivência é deixado pelos demais e morre uivando de fome sede e frio. Mas deixe-me contar a vocês a história de Sasquatch. Foi Sandra quem o apelidou assim. Sandra foi outra que viu seu mundo desmoronar. Mas não vamos avançar a história. Melhor narrar parte por parte para que vocês conheçam melhor tudo que aconteceu com Sandra e Sasquatch, o lobo solitário da Montanha de Cristal.

Sandra tinha trinta e seis anos quando Otávio seu marido faleceu. Ficou mais de quatro anos agonizando de hospital em hospital até que Deus o levou e quem sabe para melhor. Sandra não chorou. Chorou sim quando soube que ele tinha uma grave doença pulmonar e que não sobreviveria mais que um ano. Viveu quatro anos dos mais felizes em sua vida com ele e o tratando com o maior carinho. A doença consumiu tudo que tinham. Gastaram todas suas economias. Vendeu sua casinha que compraram há muitos anos com muito sacrifício. Não tiveram filhos. Otávio já doente no primeiro ano de casado resolveu assim. Seis meses depois da morte de Otávio, Sandra ainda morava só. Uma irmã no nordeste escreveu para ela para ir morar com ela. Sandra não quis e resolveu ficar. Sua tristeza quando chegava à noite em casa do seu trabalho era enorme. Lia um livro, um programa de TV e ia dormir sonhando com Otávio ao seu lado.

A vida de Sandra era uma rotina. Foi Amélia sua colega de trabalho quem mudou tudo. – Preciso de uma assistente. E você vai me ajudar disse. – Sandra riu e aceitou. Quem sabe o Escotismo lhe daria um novo caminho? O tempo passou. Amélia casou e saiu do Grupo. Sandra ficou em seu lugar. A Alcateia passou a ser um pouco sua vida. Dedicava de corpo e alma aos seus lobinhos. Adorava os meninos e as meninas. Fez

curso, aprendeu muito em outras alcateias que visitou e acantonou. Tonho e Marilda eram suas assistentes. Baloo e Bagheera. Os lobinhos e as lobinhas tinham verdadeira adoração por eles. Sandra já não mais se sentia só. O escotismo deu a ela nova motivação e uma filosofia de vida que ela nunca esperava.

Tudo aconteceu em julho. Anualmente sempre faziam um acantonamento no Rancho dos Grandes Amores. Seu Ruan proprietário adorava os lobos e dizia sempre – Enquanto estiver vivo aqui será um rancho de lobos! Atrás da casa sede tinha uma montanha. Linda. Muitos bosques e uma nascente. Sandra quando ia ali ficava horas e horas a olhar para ela. Chamavam-na de a Montanha de Cristal. Sandra não sabia por que, mas no dia da viagem para o acantonamento bateu uma enorme saudade de Otávio. Três anos sem ele e ela não entendia aquela melancolia, logo agora em um acantonamento. Quem sabe por que ia só e os seus dois assistentes iriam à noite. Duas mães foram juntas para ajudar na cozinha e limpeza diversas. Chegaram, arrancharam, e logo começou as atividades. iam ficar três dias.

À tarde do primeiro dia enquanto os lobos arrumavam suas tralhas para a noite e o banho Sandra como sempre olhava para a Montanha. Assustou quando avistou um Lobo parado em uma pequena trilha olhando para ela. Não sabia o que fazer. Entrou correndo na casa sede. Olhou pela janela. O lobo se afastava. Mancando. Notou que sua perna direita estava quebrada. Sentiu pena dele. Sem perceber o chamou de Sasquatch. Nada há ver com a história do homem de neve que contam por aí. Ela saiu de novo da casa. O lobo parou e voltou. Ela notou seus olhos tristes. Parecia que lágrimas caíam. Não era possível. Ela devia estar enganada. Lobo não chora. Viu que ele se aproximou dela. Lambeu seus pés. Ela foi até a cozinha. Cortou um pedaço da carne do almoço do outro dia e deu para ele. Ele olhou para ela com os olhos húmidos e balançou a cabeça como a agradecer. Não comeu a carne. Pegou entre os dentes e subiu a trilha que levava ao alto da Montanha de Cristal.

Sandra acordou várias vezes. Jurava ouvir uivos enormes. Acordou pela manhã e alguém uivava lá fora. Era ele. Sasquatch. Sempre mancando. Sandra aproximou dele e ele deixou que ela o acariciasse. Viu que a perna estava curta e tinha sinal de perfuração de bala. Um caçador malvado só podia ser. Ela o olhou nos olhos, viu o brilho firme a encará-la. Foi de novo buscar alimentação para ele. Ele ajoelhou e balançou a cabeça. Deu um enorme uivo pegou a carne com os dentes e de novo seguiu a trilha da montanha. Vários lobinhos viram o lobo, tentaram se aproximar, mas ele mancando corria. Só com Sandra ele se deixava acariciar. Assim foram os três dias. No último ele fez um sinal para ela. Parecia saber que ela ia embora. Andava em direção à trilha, parava e olhava para trás. Sandra o seguiu. Não andou muito e ele entrou em uma pequena caverna.

Sandra ficou com medo de entrar lá. Por diversas vezes Sasquatch chegou à entrada e fez o sinal para ela entrar. Resolveu segui-lo. O que viu foi de estarrecer. Dois lobinhos recém-nascidos mortos e dois vivos entre a vida e a morte. Tinha carne junto deles, mas não conseguiam comer de tão fracos. Olhou de novo para Sasquatch. Viu que ele era um lobo macho. A femea devia ter morrido, mas ele não abandonou os lobinhos. Filhos dele? Sandra não sabia o que fazer. Ele olhava para ela com carinho como a pedir que o ajudasse. Ajudar como? Ela tinha de ir embora. Sentia enorme pena dos lobinhos

e sabiam que eles iam morrer. Fazer o que? Saiu da caverna. Olhou para o céu e perguntou a Deus o que devia fazer. Viu em uma nuvem Otávio a sorrir para ela. Era alucinação, ela não acreditava nisto. Resolveu voltar ao Rancho. Olhou para trás, Sasquatch ajoelhado uivava. Um uivo dolorido, choroso, e lágrimas caíam de seus olhos.

Sandra voltou. Colocou os dois lobinhos no colo. Iria levá-los com ela. Não tinha outra saída. Desceu com Sasquatch a acompanhando. O ônibus chegou e a lobada cantando tomou seus lugares. Brincavam com os lobinhos que já estavam recuperando suas forças. Sandra deu leite para eles que beberam sofregamente. Ao entrar no ônibus deu uma última olhada em Sasquatch. Ele uivava e ela não sabia se de alegria ou tristeza. Sabia que não podia levá-lo. Não tinha condições. O ônibus foi saindo devagar pela estrada vermelha. Sasquatch tentou acompanhar, não conseguiu. Coxeava muito. Sua perna quebrada não deixava. Uivou muito e Sandra ouvia chorando baixinho. Quando o ônibus chegou à estrada asfaltada ele olhou pela última vez a Montanha de Cristal. Parecia que uma luz brilhante pairava sobre ela. Mas viu a figura novamente de Otávio sorrindo. Tranquilizou-se.

Dizem que durante muitos anos Sandra cuidou dos dois lobos. Um ela chamou de Lobo Gris e o outro... Sasquatch. Por onde andava os dois lindos e enormes lobos a acompanhavam. Um de cada lado. Disseram-me que ela voltou muitas vezes a Montanha de Cristal. Foi até a caverna onde os lobos nasceram. Levou Gris e Sasquatch e eles uivaram por muito tempo como a lembrar de seu pai que deu a eles um grande carinho e amor e porque não a vida. Ao retornar ouviu bem no alto da montanha um uivo enorme. Sabia que era ele. Olhou para lá, não viu nada. Mas sentiu um calafrio. Não era ele em vida, mas ali estava seu espírito como a agradecer o belo gesto de Sandra. E posso garantir as mil e uma história que um dia irei contar, Sandra viveu feliz para sempre na companhia dos dois lobos. Sei que ficaram amigos para sempre! E contam até hoje que uma estrela brilhante paira todas as luas cheias por cima da caverna da Montanha de Cristal.

O grande amor de Lourenço Malenkaia.

Ele era o Escoteiro mais querido no Grupo Escoteiro Mar de Espanha. Era admirado e todos sabiam dos seus feitos nos grandes acampamentos e nas jornadas intermináveis que fazia e deixava saudades por aqueles que tiveram a honra de participarem junto a ele. Estou falando de Lourenço Malenkaia. Não foi da minha

Patrulha, era da Leão. Mas ser seu amigo era motivo de orgulho. Alto, magro, cabelos louros encaracolados e sempre com um sorriso nos lábios, Lourenço Malenkaia sabia como fazer amigos. Com quinze anos pediu ao Chefe se podia ficar até os dezesseis. Queria terminar sua Primeira Classe com chave de ouro. Pediu e o Chefe aceitou que fizesse a jornada sozinho. Queria ficar três dias, só ele, uma faca, um facão, uma manta, sal e óleo e mais nada. Seria seu desafio. Precisava provar a si mesmo que sobreviveria. As outras patrulhas assustaram. Como? – Isto é possível? De Lourenço Malenkaia nada era impossível.

Partiu sozinho em uma sexta pela manhã, garboso um sorriso enorme, atraindo olhares rumo a Mata do Roncador. Todos o olharam com orgulho. Mochila nas costas, um bastão a tiracolo e cantando “Avançam as Patrulhas” em marcha de estrada lá foi ele rumo à trilha do Cardim para atravessar o Rio Jambreiro na parte alta da fazenda Santa Cecília. Todos escoteiros ficaram ansiosos com sua volta. Era um fato inédito. Uma jornada sozinho? Nunca aconteceu. No domingo a tarde ele apareceu na curva do Urubu Rei, próximo à porteira do seu Nonato. Cantando, sorrindo, chapéu jogado para trás, mechas de cabelos louros caindo na testa uma passada que dava inveja lá foi ele para a sede onde se apresentou ao Chefe Jessé garbosamente – Pronto Chefe! Jornada realizada. Para dizer a verdade e pelo que eu saiba ninguém mais repetiu o feito de Lourenço Malenkaia. Dizem eu não sei bem que até hoje a Patrulha Leão é procurada por muitos para ler no Livro de Ata tudo que Lourenço Malenkaia fez e ali foi escrito.

Lourenço Malenkaia era filho do médico Doutor Arthur Malenkaia e de Dona Arminda Malenkaia, que trabalhava no Escritório do Advogado Pedreira. Não era um aluno brilhante, mas no Colégio Dom Pedro era muito querido. Que o diga o Padre Bento Solano diretor e o terror dos demais alunos. Eu e Lourenço Malenkaia não éramos íntimos. Nunca fomos. Até hoje não entendi porque ele me procurou naquela manhã de domingo. Pelo que me constava devia ter ido com sua Patrulha acampar nas margens do Rio Barão Vermelho em um acampamento de cinco dias. Eram férias de julho. Eu não tinha ido junto a minha Patrulha. Meu pai adoeceu e precisava de mim para abrir sua sapataria, pois além de arreios para cavalos ele também fabricava sob encomenda sapatos na medida. Qualquer venda valia o almoço da família. Ele adentrou na sapataria com os olhos tristes e chorosos. Eu estava sozinho engraxando alguns pares de sapato, que me daria uns trocados e o seu Sempre Alerta foi dado sem nenhuma alegria.

Preciso falar com você – disse. Fiquei calado. – Você conhece a Dorita Moscano? – Assustei. Claro que sim eu disse. – Estou perdidamente apaixonado por ela, disse de supetão. Não sei o que fazer de minha vida. – Falar o que? Dorita Moscano era a moça mais linda da cidade. Muito conhecida como a mais traquina e sapeca era o dodói da garotada sedenta de amor. Sua fama de namoradeira e outras “cositas más” corria longe. Muitos diziam que era a única que deixa se beijar com beijos de “língua”. Eu mesmo nem sabia o que era isto. Famosa na cidade principalmente pelos filhos dos bem aquinhoados. Vi que Lourenço Malenkaia estava de cabeça baixa. Soluçava. – Não sei o que fazer! Não quero conselhos. Acho que estou louco. Nunca pensei em ficar assim. Amor para mim sempre foi uma bobagem que em escoteiros como nós nunca vai e não pode acontecer. Quer saber? – Se amar pode nos deixar loucos então estou louco. – Deus do céu! O que estava acontecendo com Lourenço Malenkaia?

Eu sempre fui bom ouvinte. Acho que foi por isto que ele me procurou. Ficamos horas debaixo da aroeira frondosa da Praça São Joaquim jogando conversa fora naquela noite. Nada demovia seu intento. – Disse que ela o beijou sem ele esperar no muro atrás do Colégio das Irmãs Caritas. – Fui pego de surpresa – Mas que beijo! Senti sua língua na minha boca. Sensação incrível! Nunca imaginei que isto pudesse acontecer. Não sei meu amigo, acredite virei seu escravo na hora! – Meu Deus! Lourenço Malenkaia não estava em seu estado normal. Não podia ser aquele Escoteiro Primeira Classe que era admirado por todos. – Porque não procura o Chefe? Falei. – Não, ele não vai me ajudar. Vai ficar falando, falando dando conselhos e acho que ele nem sabe o que é um amor de verdade. – Mas você só tem quinze anos! – Ainda nem sabe o que é a vida! – Sei sim disse, sei que agora minha paixão por ela é única. Sei ainda que ela ri de mim, fala de mim como se fosse um bobão, mas eu sei que a amo. Meu amor é a essência de minha alma. Nunca vou deixar de amar Dorita Moscano.

Não estava entendendo nada. Meus quinze anos era de menino sonhador. Sonhador de aventuras escoteiras é claro. Tinha namorada, ainda no "Velho" estilo de só por olhar de longe, vê-la balançar os cabelos, um piscar de olhos, um sorriso inocente e mais nada. Beijo? Nem pensar. De língua então me assustava. Olhe, tudo complicou na vida de Lourenço Malenkaia. Seu pai o deixou preso em casa. Não quis estudar mais. Um desastre na família. Ele fugia. Encontrava-se furtivamente com Dorita Moscano. Ela ria dele. Mas não sei sentia algum por ele. O tempo foi passando. Lourenço Malenkaia foi definhando. Cresceu mas era um trapo de homem. Quem viu aquele belo Escoteiro não acreditava no que via agora. Soube que o internaram no famoso Hospício de Barbacena. Hoje considerado um padrão no histórico centro Hospitalar Psiquiátrico um dos melhores do Brasil.

Para dizer a verdade eu esqueci completamente do acontecido. Tantas coisas aconteceram em minha vida que Lourenço Malenkaia foi como uma página virada que não mais me dizia respeito. A vida de cada um tem um sentido e o destino não pode ser mudado. Li muito romances sobre grandes amores. O de Lourenço Malenkaia e Dorita Moscano não tinha igual. Acho que foi um amor impossível de acontecer. Ainda mais de garotos. Imberbes. Sem nenhum conhecimento da vida. Sabia que não haveria nunca um futuro na união dos dois. Mas a vida nos reserva surpresas enormes. Muitos anos depois estava em Capistrano Ferreira onde tentava vender uma colheitadeira para o fazendeiro Don Antonio Leismael e a noite ele insistiu cervejinha gelada no "Vale das Flores" Cidade pequena sem o que fazer só iria viajar na manhã seguinte aceitei. De lá até a Boate da Rosinha foi um pulo. Até estranhei o luxo. Sentei em uma mesa do canto e logo uma morena linda me rodeou. "Minina" eu disse, só uma cerveja, não me leve a mal, mas sem companhia.

Bebericava calmamente ouvindo o barulho do Xaxado tocando por uma bandinha e eis que aparece nada mais nada menos que Lourenço Malenkaia! Em pé me olhou e disse: - Vado! O Escoteiro engraxate da Patrulha Lobo? – Sorri. Eu mesmo Lourenço Malenkaia. Nunca pensei em encontrá-lo ainda mais aqui. Ele sentou. Sorrindo me contou em poucas palavras sua vida. – Olhe amigo, repito para você que foi o único que soube me ouvir. Eu amo e sempre amei Dorita Valverde. Amo com amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar assim. Que queres que te diga, além de

que a amo demais. Nunca a deixei. Sou até hoje seu escravo. Dizem meu amigo que o amor é como o vento. Não podemos ver, mas podemos sentir. Internaram-me em Barbacena. Fugi de lá. Vaguei por terras desconhecidas e ao chegar aqui encontrei de novo minha amada.

Ela é dona desta boate. Pouco liga para mim. De vez em quando me dá um pouco de seu carinho. Aprendi a aceitar as migalhas que ela me dá. Sou louco mesmo. Louco de amor. Fiz da minha vida um sonho imperfeito. Só vivo a me arrastar por esta mulher. Nem digo se é uma doce paixão. Se amar é um afeto pode ser uma ilusão. Acho mais que é uma loucura. Ele sorria docemente. Pediu um guaraná. Uma mulher meio gorducha, toda “emboncada”, mas com feições belas se aproximou. Deu para reconhecer. Era Dorita Moscano. Deu um beijo na testa de Lourenço Malenkaia. E lá se foi entre as dezenas de clientes da boate que pediam sua companhia. Nem me olhou. Claro não me conhecia - E o escotismo? Perguntei. - Nunca mais. Era um amor que tinha no peito e foi substituído por esta paixão avassaladora. Não disse mais nada. Tomei o último copo e parti. Nunca mais o vi. Vida é vida, história é história. Destino é destino. Escolhas são escolhas e o livro arbítrio de cada um não pode ser alterado ou ignorado.

O sonho de um menino Escoteiro fugiu em uma nuvem que se espalhou no céu. Não dá para segurar a brisa e o orvalho da manhã. O melhor é esperar o vermelho do sol nascente. Ele pode trazer alegrias para uns e tristezas para outros. São recordações que sumiram como o vento forte que pegou de jeito uma Patrulha em uma ravina qualquer. Nem deu tempo de alertar para fincar os chapéus. Afinal escoteiros também amam? Amor é uma palavra que poucos ainda souberam explicar com exatidão. Mas a felicidade não é a minha. A felicidade é a de quem achou um dia ter encontrado uma razão para viver. Lourenço Malenkaia e Dorita Moscano encontraram seu verdadeiro amor. Diferente do que muitos acham que vale a pena. Que eles sejam felizes. É meu desejo sincero!

Era uma vez... Uma onça pintada guia de um Escoteiro cego.

Quando eu batia palmas no portão de sua casa para entregar alguma correspondência eu ouvia o barulho da bengala de Joel Fantin. Não sei, mas acho que tínhamos a mesma idade. Eu sabia que ele agora trabalhava nos correios e quando conseguiu o emprego se transformou em outro homem. Eu também trabalhava lá como carteiro. Conhecia um mundão de gente, mas Joel Fantin era único. Era cego, ou seja, um deficiente visual. Perdera a visão há oito anos atrás. O que me contaram eu entendi

que foi uma fatalidade. Joel era Escoteiro. Entrou como lobo com oito anos. Quando passou para a tropa resolveu subir em uma árvore. Natural todo menino sobe em árvore, mas com Joel foi diferente. O galho seco não lhe deu sustentação e ele caiu de costas batendo a cabeça em um tronco. Levado ao hospital os médicos viram que ele perdera a visão. Cidade pequena sem recursos, Joel vivia com seu pai um carroceiro que fazia entrega de areia retirada do Rio Pombo.

A mãe de Joel morrera quando ele nasceu. Um parto mal feito. O pai de Joel não sabia o que fazer. Um filho de treze anos cego? Como cuidar dele? Interessante que em tempo algum Joel perdeu a esperança. Mesmo sem enxergar tinha um sorriso nos lábios. Sua Patrulha a Onça Parda lhe deu todo apoio. Em conselho de patrulha ficou determinado que pela manhã, à tarde e a noite sempre um da patrulha iria a sua casa ajudar nas tarefas e conversar com Joel. As outras patrulhas também fizeram o mesmo. Era comum chegar a sua casa e encontrar quatro ou oito Escoteiros a brincarem e conversarem. O Senhor Juventino seu pai quando chegava e encontrava tudo arrumado, jantar pronto, e vários Escoteiros ele se emocionava. Nunca pensou que eles por muito tempo dessem o apoio que sempre deram. Aos sábados alguém o levava a reunião. Quando ele quis ir aos acampamentos a chefia ficou em polvorosa. Ninguém sabia como agir ou fazer. Joel foi, esticaram um sisal por onde ele precisaria andar no campo de patrulha. Da cozinha a barraca, da barraca a mesa de refeições e até o WC atrás do campo de patrulha.

O tempo foi passando e Joel quando fez dezessete anos seu pai faleceu vítima de uma dengue hemorrágica. Só souberam que era dengue depois de morto. Desta vez Joel chorou. Agora não sabia o que fazer. Cego e sozinho mesmo com ajudas dos seus irmãos Escoteiros seria uma “barra” para enfrentar. Uma semana duas e mesmo com a presença dos Escoteiros em sua casa ele nada dizia. Seus olhos que não viam nada ainda tinham lágrimas que caíam sem cessar. Joel pensou em tirar sua vida e quem sabe ir morar com sua mãe e seu pai no céu. Tirou logo da cabeça este pensamento. Se até hoje ele enfrentou a vida e nunca desistiu porque desistir agora? Joel sorria quando os Escoteiros chegavam. Mas ele sabia que cada um deles tinha sua família e não iriam ficar com ele para sempre. Ninguém nunca me contou os detalhes, mas fiquei sabendo que Joel Fantin foi a um acampamento na Serra do Falcão. Para ele não havia dia ou noite, pois vivia em completa escuridão.

Nos acampamentos não demorava muito para Joel Fantin decorar cada passo e onde podia ir. Era no campo que ele se completava. Gostava de sentir o orvalho na pele, do vento soprando sobre ele, do som que ouvia da passarada e do canto da cotovia. Ele tinha ideia de como eram as estrelas no céu, de como era uma lua cheia, mas estas visões aos poucos estavam sendo esquecidas. Em contra partida seus sentidos de audição e olfato se transformaram. Qualquer som ele sabia o que era o cheiro da terra, o cheiro do lago, das árvores e da sopa de Marcelinho um cozinheiro que fazia estalar a língua nas refeições. Tudo aconteceu na última noite após o Fogo de Conselho em que ele participou de um esquete com a patrulha. Não se sabe como eles se esconderam atrás de uma árvore para serem chamados pelo Monitor e cada um iria apresentar uma piada para quando todos tivessem terminados rolassem no chão de tanto rir. As piadas eram sem graça, mas quando rolavam no chão a tropa também rolava de rir com eles.

Quando Joel Fantin foi chamado ele não veio. Não é possível pensou o Monitor, ele estava sentado atrás do castanheiro e tão perto da ferradura que não tinha como se perder. Nesta hora todos abandonaram o fogo e partiram a procurar seu patrulheiro naquela noite escura e sem luar. Duas horas depois ouviram um apito e todos acorreram para lá. Um susto tremendo, nunca viram tal coisa – Joel Fantin estava sentado acariciando uma enorme onça pintada. Grande, mais de 160 quilos, robusta e eles sabiam que a potência de sua mordida era considerada como a maior entre os felinos de todo o mundo. A onça balançava a cauda como se estivesse gostando das carícias de Joel Fantin. Ninguém disse nada, assustar a onça podia haver uma alteração de amizade com a crueldade com que ela estava a agir no momento. Joel Fantin ouviu os sons de seus amigos e os chamou – Podem aproximar, ela me disse que não fará mal a ninguém.

A maioria não foi, mas sua patrulha a Onça Parda sabia que devia considerar o nome que escolheram e foram até lá. Dizem que os sorrisos as alegrias e o ronronar da onça foi de perder o folego. O Chefe estava lá e não acreditava baixinho chamou todos para retornar ao acampamento. A onça pintada foi atrás. Uma amizade incrível aconteceu entre ela e Joel Fantin. E quando me contaram o desfecho da história eu não acreditei. Sei que o Escoteiro tem uma só palavra, mas aquela história era inverossímil demais para mim. Eles levaram no ônibus a onça pintada, ela foi morar com Joel Fantin e agora era sua guia por toda a cidade. O próprio Chefe que era carteiro e me contou disse que Joel Fantin morreria com mais de 90 anos e a onça viveu com ele até o seu último dia na terra. Eu sabia que uma onça tem no máximo 25 a 35 anos de vida e isto reforçava minha incredulidade na história. Foi então que o Chefe ligou sua TV e colocou em um aparelho um DVD onde mostrava tudo que um dia aconteceu entre Joel Fantin e sua amiga a Onça Pintada.

Histórias são histórias, alguns acreditam outros não. Eu conheço centenas de histórias algumas vi com meus próprios olhos que a terra há de comer, outras foram causos contados nos acampamentos e nas clareiras de uma floresta qualquer. Para dizer a verdade não queria contar esta, pois todos vão duvidar e eu não posso provar. Portanto só posso dizer antes de terminar que “boi não é vaca, feijão não é arroz e quem quiser acreditar que conte dois”!

***Fuligem, um cinto Escoteiro
brincalhão.***

Nem vem que não tem. – Não tem o que Fuligem? – ele me olhava com aquela cara de “besta” que eu conhecia há muitos e muito anos. – Pode tirar o cavalinho da chuva. Não vou para a reunião com você hoje nem que a vaca tussa! – O que é que eu fiz Fuligem? – O que fez? Só um paspalho escoteiro como você faz uma pergunta desta. Seja homem meu caro. Aceite que você é um idiota! – Fiquei a olhar o Fuligem. Nem sabia ao certo quando ele falava sério ou estava-me gosando. Pensei com meus botões o que tinha feito. Olhei bem para fuligem. Estava limpo. Na quarta usei metade da pasta Kolynos para fazer a melhor limpeza que tinha feito. O couro estava perfeito. O que ele queria agora? – Olhei para ele e o “pestilento” começou a rir. – Fuligem! São quase uma hora, você sabe que não gosto de chegar atrasado! Tá bem! Desta vez eu vou, mas na próxima se não engraxar o sapato não conte comigo. Só ando com Escoteiros que se orgulham do uniforme!

Sempre foi assim. Desde que comprei o Fuligem na loja da capital pelo correio. Eu tinha um ano de promessa e custei a juntar o dinheiro para comprá-lo. Assim foi como meu chapéu de três bicos, com meu bastão de ponteira de aço, com meu cantil francês, com meu canivete suíço e com minha faca mundial. Meu uniforme e lenço a mamãe fazia, mas o resto eu ralava para comprar. Engraxando sapatos, limpando quintais, ajudando seu Manezinho no Armazém fazendo entregas. Olhei para meu Vulcabrás e ele não estava sujo. Não o engraxei na semana, achei que não precisava. Fuligem não perdoava. Ele gostava de massacrar. Não esqueço o dia que fui para a sede, já nos meus treze anos e ao passar na vendinha do Seu Nestor para comprar balas de hortelãs um freguês dele olhou minhas pernas e disse – Lindas! Se você fosse uma moça a gente ia conversar! Fuligem virou bicho. Tire-me logo e dê uma surra neste filho da mãe! - Não Fuligem é o Vadico meu amigo de escola.

E quando mamãe fez um uniforme novo? As passadeiras ficaram estreitas. Ele não conseguia passar. – Meu pai do céu! Ele dizia. Nesta casa só tem Jerico ou Asno? Tal mãe tal filho? Naquele dia fechei a cara para ele. Ele sabia que tinha ido longe demais. Abaixou cabeça como se estivesse envergonhado. Fui na caixa de sapato e retirei outro cinto Escoteiro que tinha de reserva. Não era tão bonito como Fuligem, mas ele precisava de uma lição. Quando coloquei o cinto ele gritou – Não, por favor! Perdoe-me, eu falei demais! – Desta vez nem liguei e fui para a sede escoteira. Fui triste mesmo sabendo que o Segunda Mão era um bom cinto. Calmo, educado e ponderado, pois tinha sido de um Escoteiro antigo que me presenteou. Acho que tinha mais de quarenta anos, falava pouco, não reclamava não chingava e nem me desafiava como Fuligem.

Fuligem quando chegou da capital ficou todo prosa. Novo em folha, couro brilhante com flor de lis, metal com um brilho de dar inveja e Foi logo dizendo - É melhor saber antes que não gosto de Escoteiro babão! Ou você está bem uniformizado ou não está. Sou exigente, meião nos trinquês, calça e camisa bem passada, o lenço bem dobrado e o anel até na gola. Chapéu meu amigo tem de estar com as abas largas. Se torto me esqueça! – No início não liguei para ele. São coisas de novatos ainda sem aquela fleuma de um bom mateiro. Eu já conhecia este tipo de prosa. Foi com meu chapéu, com meu lenço e meu bastão. Mas o tempo foi passando e fuligem aprontando. Era minha calça sem passar, meu lenço mal dobrado, meu chapéu torto, Fuligem não deixava nada passar. Nos acampamentos se chovia ele gritava – Corra seu idiota, se o couro molhar vai doer prá dedeu!

Lembro-me de um fato interessante em Santa Mônica uma cidadezinha lá pelas bandas do Rio Tico-Tico. Nem lembro o que fui fazer lá. Armamos barraca em um campinho de futebol na entrada da cidade e fora alguns garotos olhando de longe não vi mais ninguém. O dia acabava e escurecia. Depois do jantar fomos dormir, pois no dia seguinte iríamos dar uma chegada em Campos Gerais. Dormi feito um anjo, mas ao acordar cadê meu cinto? Mãe de Deus levaram o Fuligem. Não me dei por vencido, pois sabia que ele ia berrar feito um bode preso no toco da porteira. Não deu outra, com meu cavalo de aço (bicicleta) rodei a cidade rua por rua. Em uma delas ouvi a voz dele – Socorro! Vado sua besta, me tire daqui! A mãe do menino ficou envergonhada e pediu desculpas. Fuligem ria a mais não valer. “Num” falei que ele ia me encontrar, menino dos infernos! Saí dali correndo.

O tempo passou, um dia tive de dizer a ele que precisa trocar o couro. Ele berrou, gritou e disse que preferia morrer. Manfredo um sapateiro disse que podia fazer um recauchutagem sem mudar seu estilo anterior. Deixei-o na sapataria e um dia depois Manfredo veio me procurar dizendo que eu levasse o cinto urgente. Ele não aguentava mais a faladeira dele. Nunca viu um cinto falante e igual aquele ele queria distancia. Fuligem envelheceu o couro. Pediu para aposentar, pois preferia morrer a trocar o couro. Foram mais de quarenta anos com Fuligem. Está comigo ainda, guardado no meu quarto e pendurado em um local gostoso, onde ele pode ver a janela e os passarinhos cantarem no Pé de Oliveira que tenho no meu quintal.

Hoje já Velho eu lembro-me dos meus amigos. Amigos que foram meus companheiros de aventuras, meu bastão com ponteira, meu chapéu de três bicos, meu lenço verde e amarelo encantado, meu distintivo de lapela, meu lampião vermelho e Fuligem. Deixo minha faca meu cantil e meu canivete suíço sem comentar. Eles não falavam muito, mas também foram companhias de aventuras que nunca mais os esquecerei. Pelo menos uma vez por semana abro minha caixa de guardados. Lá estão todos eles menos fuligem e o chapéu de três bicos que sempre estão pendurados na parede. Nunca durmo sem rezar e eles sempre me acompanham. Sei que durmo pesado. Sei que eles conversam a noite toda. Sei que relembram o escotismo do Vado o Escoteiro que eles fizeram parte. Mas todos eles fizeram parte da minha vida. Se um dia me for já pedi a minha querida Celia que os guarde com ela. Não coloque no meu túmulo. Se eles estiverem de acordo que os doem para um Escoteiro jovem, que tem amor as suas tralhas escoteiras como eu tive e que os ame como eu os ame!

A lenda dos peixinhos dourados.

(uma história para lobinhos)

Conta uma lenda que existia uma cidade pequena, muito e muito longe lá onde as nuvens se escondiam ao anoitecer. Contam ainda que em Harmonia era comum todos se saudarem sorrindo, semblantes alegres, cantantes, andar cadenciado como a mostrar suas alegrias em viver. Disseram-me que lá não havia ódio, não havia tristeza e que seus habitantes viviam como irmãos. Foi lá que Ruth nasceu de parto natural. Conta à lenda que ela nasceu sorrindo e que Dona Sarah a parteira a “benzeu” dizendo – Ela vai ser nossa guia e a Santa de Harmonia. Ruth foi crescendo e todos admiravam sua beleza. Tinha cachos dourados e brilhantes, olhos verdes como as esmeraldas e distribuía onde passava seu sorriso que parecia trazer o aroma das flores, os pássaros esvoaçantes a seu redor e milhares de borboletas coloridas.

Contaram-me que em Harmonia as noites sempre tiveram lua cheia. Era uma lua diferente, grande e apesar de um branco harmônico em volta parecia ter uma coroa de flores das mais variadas matizes. Todos sabiam que na cidade havia o mais lindo céu de estrelas. De todos os tipos, vermelhas, brancas, verdes e não havia em nenhum lugar um brilho maior do que lá e que elas pipocavam no céu divinamente. Ruth aos seis anos era uma lobinha da Alcateia do Amor. Ali lobinhos e lobinhas viviam felizes juntos aos chefes da Alcateia. Dalila a Akelá era amiga de todos, Sarah a Baguera contava lindas histórias e Isaac o Balu brincava a mais não poder com todos os lobos da Alcateia do Amor. Naquela Alcateia feliz se sabia que todos seguiam sem nenhuma duvida a lei do lobinho. Ruth era filha de Talita e David. Seus pais eram pessoas humildes e trabalhavam na loja do Senhor Levi. Muitas vezes Ruth ficava só e ela amava estas horas.

Nos fundos da casa de Ruth, corria um córrego de águas cristalinas, límpidas e diziam que quem bebia daquelas águas não ficavam mais doentes. Era lá quando estava só que Ruth passava boa parte do tempo enquanto seus pais trabalhavam. Ela era amiga de muitos peixinhos dourados e conversava muito com Estrelinha, Pingo d’água e Gota de Chuva. Podia ter sol ou chuva que Ruth não saía do laguinho que as águas formaram. Um dia Ruth viu chegando um Bagre cinzento. Ele era feio, muito feio. Os peixinhos dourados sempre corriam quando o Bagre chegava. Ruth ficou ali olhando para ele e ele olhando para ela. Não vai correr? Não vai fugir? Afinal sou um bagre cinzento e sou horrendo. Todos quando me veem fogem. Ruth sorriu para ele. - Seu bagre saiba que a beleza ideal está na simplicidade calma e serena. Sei que quando o conhecer melhor encontrarei em seu coração uma beleza que fará brilhar todas as luzes. Lembre-se que o valor das coisas não está na aparência ou no tempo que elas duram, mas na intensidade que você impõe a bondade em seu coração. Isto é tão verdade, pois a gente sabe que temos momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

O Bagre Cinzento a olhou de tal forma que sem ele perceber se transformou em um Bagre dourado, de olhos azuis. Ele não estava acreditando e foi preciso que Ruth

dissesse para ele – Saiba Seu Bagre Dourado a gente não julga ninguém pela aparência e sim por suas atitudes. São elas que irão comprovar o quão diferenciado você vai ser dos demais. Foi então que os peixinhos dourados se aproximaram e abraçaram com amor o Bagre Dourado. E assim graças a Ruth os peixinhos e os peixes maiores aprenderam que todos eram iguais, pois em cada coração existe uma beleza que ninguém pode ver, mas a gente pode sentir e mostrar como somos bons quando queremos ser.

Ruth a lobinha que tinha cachos dourados e brilhantes, olhos verdes como as esmeraldas e distribuía onde passava seu sorriso que parecia trazer o aroma das flores, conseguiu que os peixes que moravam no lago dourado de Harmonia vivessem alegres e felizes para sempre.

Ninguém deve julgar ninguém pela aparência, julga-se pela essência, pelo amor...

Balada do vento amigo.

Deixa o vento soprar em meu rosto.

**Os ventos que às vezes tiram algo que amamos, são os
mesmos que trazem algo que aprendemos a amar...
Por isso não devemos chorar pelo que nos foi tirado e sim,
aprender a amar o que nos foi dado. Pois tudo aquilo que é
realmente nosso, nunca se vai para sempre...**

Bob Marley

Eu já ouvi o vento soprar, forte e viçoso nas montanhas douradas do Baependi. Ele rasgava o dia e as noites através das folhagens como se estivesse reclamando da invasão dos seus domínios. Eu já ouvi o vento soprar, nas imensas planícies do Vale Feliz. Ele procurava espantar as borboletas coloridas que ali estavam à procura do mel escondido nas flores que caíam no outono. Quando eu olho para o oeste, seguindo o sol que busca se esconder nos vales verdejantes, eu ouço o vento soprar. Ela canta suavemente para me entreter na busca do infinito. Dentro de uma barraca que parece sair voando, o vento sul açoita sem pedir permissão. As vozes das tempestades são enfurecidas por ele. Ele o vento não pede passagem, ele vai onde quer e ninguém ousa interromper.

Eu gosto do vento. Não importa de onde vem e para onde vai. Já estive com os ventos da primavera, que traziam o doce perfume das flores, das matas, das florestas distante. Eu

já estive com os ventos do verão, com as bravias chuvas espicaçadas por ele. Ele mandava trovões, raios inimagináveis e depois da chuva ele trazia a bonança com ventos calmos, pacíficos e o cheiro da terra, o perfume das folhas molhadas, nos mais altos galhos a passarada a cantar toadas maravilhosas ao sabor do vento cuja chuva o vento levou. Eu já vi passar os ventos do norte nos picos gelados das Agulhas Negras, ele parecia sorrir com a vasta imensidão a perder de vista. Eu já vi os ventos das ventanias que jogavam tudo ao chão. Eu já vi os ventos das borrascas cinzentas no mar gelado. Era bom olhar o infinito e ver as gaivotas na sua eterna luta com os ventos. Elas sabiam que iam perder por isto aprenderam a voar com os ventos.

Quando em marcha de estrada e o sol a pino, eu me entregava aos ventos para me dizerem o melhor caminho. Beber a água da fonte, em uma sombra e os ventos soprando é indescritível. Eu já ouvi os ventos. Muitos. Os que se transformavam em arco íris, os que se transformavam em brisas, gostosas, sopradas de uma cascata borbulhante ou na madrugada a nos apanhar sem barracas tendo o céu de estrelas como casas, elas molhavam nossos rostos ao luar. Ventos do norte e sul, ventos do oeste e este, que eles soprem sempre trazendo a todos nós a alegria que merecemos. Um dia alguém me falou do vento – Sabes Escoteiro, se tens vento e depois água, deixe andar que não faz magoa, mas olhe se tens água e depois vento, põe-te em guarda e toma tento! É eu já ouvi o vento passar...

**Deixa passar o vento
Sem lhe perguntar nada.
Seu sentido é apenas
Ser o vento que passa...
Consegui que desta hora
O sacrificial fumo
Subisse até ao Olimpo.
E escrevi estes versos
Pra que os deuses voltassem.
Ricardo Reis.**

**Lago do Enforcado - Onde moram os
Pioneiros Fantasmas.**

Estava bivacando em volta do Lago do Enforcado há dois dias. Eu e mais cinco pioneiros. Normal naquela época. Com as bicicletas nas costas subíamos uma trilha até o outro lado, pois nos disseram que precisaríamos seis dias para dar a volta em todo o lago e tentar achar o local certo. Nunca tinha ouvido falar neste lago, foi Zé Tostão quem comentou. Zé Tostão era padeiro e dos bons, seus pães vendia-se que nem amor de moça bonita. Não era pioneiro e nunca foi Escoteiro, mas o danado sabia de coisas que nem podíamos imaginar. Foi ele que nos contou da Caverna do Cachorro Louco, da Curva da Cascavel que dizem matou mais de oitenta homens da Bandeira de Fernão dias Pais. – Zé porque não participa conosco? - Eu sempre dizia – Não posso Vado Escoteiro. Um dia você vai conhecer meu pai. Está louco varrido – Vive gritando e sabe, tem hora que dá vontade de interná-lo. Não o fiz porque sei que vai morrer em uma semana se for para Barbacena (no passado ficou célebre pelo seu manicômio).

Foi meu pai quem me contou sobre o Lago do Enforcado. Ele diz que fala com os mortos e eu acredito. Disse para mim rindo e gritando que lá tem um Clã Pioneiro do Além. Ele nem sabia o que era Clã por isto acreditei. Ele contou-me de Max e Virginia, dois pioneiros de Cidade do Sol Nascente que eram namorados desde criança. Ao saírem da reunião do Clã seu fusquinha foi atropelado por uma jamanta. Morreram os dois na hora. Isto foi há muitos anos, poucas pessoas ficaram sabendo. Meu pai disse que eles amavam o pioneirismo e resolveram montar um Clã Pioneiro para ajudar as almas desencarnadas que um dia foram Escoteiros e/ou Pioneiros. Porque lá no Lago dos Enforcados eu não sei. Era uma história e como toda história precisava de averiguação. A equipe que estava comigo era experiente e todos tinham “larga moita de tempo” no escotismo. O medo ali era pouco e a vontade de conhecer e desvendar a “querrelança” era maior que tudo.

Encontramos um belo lugar para pernoitar. Seriam seis noites e uma em cada lugar. Achávamos que só assim poderíamos ter a visita dos dois pioneiros Fantasmas e porque não trocar uma ideia com eles? Aprender a fazer fazendo se aplica também a nós pioneiros. As primeiras quatro noites nada aconteceram. Esqueci-me de dizer que fora uma enorme sucuri que passou pelo campo sem nos notar não vimos mais nada de anormal. Lembrei-me do Chefe Montanha que na maior cara de pau contou que acampou com monitores a beira do Lago do Lagarto e a noite, viram um enorme tronco proximo à barraca deles. Resolveram aproveitar para servir de banco, e fizeram uma ótima Conversa ao Pé do Fogo e só pararam quando notaram que o tronco se mexia e escorrega para frente. Assustados e com seus lampiões a querosene “lumiando” à frente, deram de cara com uma enorme Sucuri. Garantiu-me que tinha mais de trinta metros. A gente acredita fazer o que?

Naquela penúltima noite eu perdi o sono. Os outros foram dormir. Eram duas barracas de duas lonas e era apertado dormir três em cada uma. O ar estava agradável. Um vento sul soprava calmamente vindo da mata a sudoeste do lago. As águas mansas e calmas estavam paradas. Ao longe vi uma bruma cinzenta se aproximando, o engraçado é que a bruma tinha formato de uma enorme barraca. Ela parou bem proximo a mim. Do meio dela surgiram dois pioneiros. Uma pioneira e Um pioneiro. Pensei com meus botões devem ser Max e Virginia. Ambos eram altos, muitos simpáticos para não dizer que Virginia era linda. Seus Cabelos negros esvoaçantes com o vento que soprava

Ihe davam um aspecto de uma bela mulher. Ambos bem uniformizados. Até no além eu vi que havia garbo e boa ordem. Sorriam para mim e educadamente fizeram a saudação escoteira me dando um Servir vibrante. Graças a Deus que não disseram SAPS! – Podemos sentar? Disseram. – Claro disse eu. – Posso chamar meus amigos pioneiros que estão dormindo? Todos vieram aqui para conhecê-los.

Eles sorriram e acharam melhor não. Que eu não me preocupasse. Todos estavam sonhando com aquele momento e o Mestre Pioneiro deles o Chefe Arcanjo os estava a levar onde está nossa sede. Ele vai mostrar como é e como funcionamos, Fiquei calado. Eu sonhava? Max riu e disse que não. - Pode beliscar para ver! Acreditei. Pioneiro não mente nem brincando. - Vado Escoteiro, venha conosco disseram. Todos os outros irão dormindo, mas queremos você acordado. Queremos se você aceitar ser o nosso porta voz, e contar a todos os Clãs do mundo que existimos, e como ajudamos a eles em todas as atividades. Se você assim o fizer seremos eternamente gratos. Recusar? Never! Fui com eles. Em cima do lago parecia que eu estava levitando por cima das águas como uma flor levada pelo vento. Um enorme Arco Iris apareceu. À noite? Isto mesmo, à noite. Iluminava uma linda estrada que nos levou até perto do céu. Milhares de pioneiros iam e vinham como formigas a buscar algo a fazer.

- Tudo aqui é bem organizado Vado Escoteiro. Disse Virginia. Moça que quando falava encantava. Uma voz linda e um olhar doce de alguém que sabia amar seu semelhante como se ama Nosso ser Supremo. São mais de duzentos clãs divididos em 20 pioneiros cada. O trabalho de ajuda ao próximo é incessante. Damos preferencia aos que pertenceram ao Movimento Escoteiro. Quando eles sobem aos céus precisam de ajuda. Muitos têm parentes e amigos que estão ali tentando fazer o mesmo. Quando dizemos Servir, ou Sempre Alerta eles sempre dão um sorriso. Se quiserem morar com os familiares tem livre arbítrio se não temos barracas para eles na sede espiritual. Já tivemos muito trabalho para ajudar aqueles que não querem ser ajudados. Eles não sabem que não estão mais na terra e não querem perder o vínculo.

Fiquei maravilhado com o trabalho. Levaram-me a dezenas de reuniões de Clãs. Todas elas voltadas para a ajuda ao próximo. Ali o lema Servir tinha grande significação. Particpei de varias cerimônias de bandeira. Eles têm um sistema único. Cada um vê sua própria bandeira e canta seu próprio hino. Levaram-me a vários saraus e fiquei maravilhado. Um deles fez questão de cantar para mim a Canção do Clã. Chorei. Belo demais. Voltamos e pensei ter ficado lá muitos dias, na verdade foram menos de quinze minutos. Coisas do além. Eles se despediram e me disseram que seriam meu guia para sempre. Estariam sempre junto a mim. – Vado um Escoteiro, todos do movimento tem um guia. São os anjos da guarda. Conte para todos o que viu. Não irão acreditar é claro, mas ficará na dúvida. E esta dúvida é que a abertura da verdade, do viver pioneiro e como ele poderá prosseguir.

Isto aconteceu há muitos anos. Ao meu modo contei para todos que me conheceram. Não sei os resultados, pois nunca mais falei com Max e Virgínia apesar de que me disseram que eram meus guias, meus gurus, meus anjos da guarda!

Temos o destino que merecemos. O nosso destino está de acordo com os nossos méritos.

Albert Einstein

O triste destino do Chefe Mario Kovak.

Era angustiante ter de decidir. Porque logo eu ser colocado assim entre a cruz e a espada? Pedir ajuda? Procurar alguém? Não procurei ninguém. Nem os amigos. Não adiantava. Para entender o que estava se passado só se entrassem em minha vida. Ou melhor, duas vidas. Nunca pensei que um dia tivesse de tomar tal decisão. Ainda me lembro de quando tudo começou. Não faz muito tempo, quem sabe uns oito anos? Se não fosse o Chefe Mascarenhas acho que o destino teria sido outro. Mas Deus é quem decide, se ele decidiu assim é porque eu teria de passar por isto. Chefe Mascarenhas apareceu em Águas Calientes não por acaso. Era responsável técnico dos Moinhos Landins. Eu comprei um. Sempre funcionou muito bem. Mas um dia começou a tremer a carcaça e parou. O Doutor Leopoldo o mandou a minha cidade para ver.

Eu estava com vinte e dois anos. Meus pais tinham falecido a mais de cinco anos. Deixaram-me uma casa, um sítio, uma loja de material elétrico no centro da cidade e alguma reserva financeira. Tinha cabeça para isto. Não me dei mal. Chefe Mascarenhas ficou na minha casa. Eu mesmo insisti para que ficasse. Gente boa, com seus cinquenta e poucos anos era bom de papo e muito simpático. Era escoteiro. Falava maravilhas da organização. Quem o ouvisse ficava deslumbrado e querendo ser um deles. Acampavam, faziam sua comida, tinham técnicas mateiras de construção, exploravam grutas, picos impossíveis e imagináveis para um menino conhecer. Faziam boas ações ajudando as pessoas e tinham um código de honra sagrado para eles. Interessei-me. – Chefe Mascarenhas! Será que poderíamos fazer um escotismo aqui em Águas Calientes? - Perguntei. – Claro que sim. Alguém tem de dar os primeiros passos e no que for possível eu lhe ajudo.

Falei com o Alberto nosso prefeito que deu todo o apoio. O delegado Filote disse que conhecia e o Doutor Lanes Juiz de Direito ficou encantado. – Dizia para todo mundo – Agora vocês vão ver como será a juventude de Águas Calientes. Teremos homens de verdade. O assunto correu de boca em boca. Todo mundo querendo saber. Disseram que as inscrições seriam feitas no Grupo Escolar Santa Cecília. Um pandemônio. Mais de cinco mil crianças em um só dia. Aquilo me aterrorizou. Chefe Mascarenhas tinha sido enfático – Comece com poucos. Máximo de oito. Serão seus Monitores. Depois de três ou quatro meses aceite mais até um máximo de quatro patrulhas de seis ou sete. Os lobinhos se tiver alguém para liderar pode começar com oito ou dez. Dois meses depois ate vinte e quatro. Arrume umas quatro pessoas para

diretoria. Vou arrumar para você uma autorização provisória. Neste interim veja um local para as reuniões e um salão para a sede. Depois falamos mais.

Estava sempre em estado de euforia. Mesmo com a cidade reclamando querendo ver os escoteiros, pais atrás de mim pedindo para seus filhos, mães chorosas porque as meninas não seriam aceitas (ainda não havia a coeducação). Adorava meus Monitores. Viviam nas horas vagas em minha loja. Aos sábados na sede do Grupo Municipal Santo Expedito era uma festa. Aprendíamos juntos tudo sobre escotismo. Acampávamos quase todos os fins de semana. Chefe Mascarenhas me mandou uma boa biblioteca. Em dois meses fui a capital fazer um curso. Estava em ponto de bala. A Patrulha de Monitores escolheu como nome um pássaro que diziam ser uma ave pernalta, com pescoço nu, preto, e, na parte inferior, o papo também nu e vermelho. Nada mais nada menos que o Tuiuiú! Ficou para sempre a Patrulha Tuiuiú dos Monitores.

Dois meses depois os meninos fizeram a promessa. Quase chorei de alegria. Os primeiros passos tinham sido dados. Convidei algumas autoridades, mas o boato espalhou e mais de duas mil pessoas queriam assistir. Uma balbúrdia! Naninha tinha vinte e oito anos. Professora do grupo escolar onde estava a sede. Aceitou meu convite para ser a Chefe dos lobinhos. Uma festa. Um custo para ficar com vinte e oito. Mas o grupo foi crescendo. Já tínhamos duas alcateias e a segunda tropa a caminho. Chefe Mascarenhas vinha sempre a nossa cidade. Um pai para nós. Passávamos de cento e vinte membros, mas a cidade reclamando. Águas Calientes tinha menos de quarenta mil habitantes, mas se tivéssemos chefes poderíamos ter sem sombra de dúvida mais de cinco grupos escoteiros.

No desfile de Sete de Setembro eu há vi pela primeira vez. Milena. A mais linda moça que tinha visto. Linda, simpática, cabelos loiros, curtos uma época que Doris Day, Kim Novak e Grace Kelly enfeitavam as tela de cinema e as moçoilas copiavam. Paixão a primeira vista. Ela teria de ser minha cara metade. Não dizem por aí que almas gêmeas tem de ficar juntas? Cinco meses depois fiquei noivo. A mãe de Milena me preveniu sobre ela – Muito possessiva Chefe Mario Kovak. Sempre quis ser a dona de tudo. Assim tome cuidado para não se arrepender depois. Mas o amor quando está incrustado em nosso coração não tem nada que pode impedir uma grande paixão. Assim eu pensava. Casamos um ano e meio depois. A escoteirada toda na igreja. Queria casar de uniforme, mas ela foi contra – Nem pensar Mario Montes nem pensar! Já mandei vir da capital um legítimo terno inglês da melhor casimira!

Assim começou tudo. Ela aos poucos me foi dominando. Tudo ela queria decidir. Meu amor por ela era grande demais. Aceitava tudo. Tentei o máximo para ela participar comigo do escotismo. Foi irredutível. Mostrei que juntos iríamos viajar, excursionar, acampar, escalar lindas montanhas azuis e os picos mais distantes e ela ria. - Barata eu tenho em casa e não gosto de pernilongos. Estive várias vezes em Congressos Nacionais e regionais. (hoje é Assembleia) Fiz tudo para ela ir comigo. Ia sim, mas me esperava no hotel. Nunca entrava em um salão onde houvesse um escoteiro. Foi então que começou meu inferno pessoal. Eu a amava mais que tudo, mas o escotismo era meu segundo amor. Todos no grupo tentaram demovê-la. Mas nada

adiantou. Ela ria de todos e só dizia que o escotismo afasta as pessoas, afasta as famílias, afastam os filhos. Ela não queria isto para sua família.

Eu ia para as reuniões escoteiras angustiado. Aquilo que fazia antes de muitos acampamentos e atividades ao ar livre escasseavam. Já não era belo como antes. Milena se interpunha a tudo. Tudo aconteceu muito rápido. Milena começou a sentir dores no seio. Alguns exames e lá estavam dois tumores enormes. Ela teria que operar. Chorou muito. Perder os seios para ela seria o fim do mundo. Não teve jeito. Operou. Em casa só me olhava com os olhos cheios d'água. Meu coração partia de dó. Mais que isto. Ver a pessoa que a gente ama sofrer não é fácil. Minha vida continuava. Meu trabalho e o Grupo Escoteiro. Já não era tão ativo como antes. Fiquei como Chefe do Grupo. Os meninos sentiam minha falta, mas precisava olhar Milena.

O pior chegou. Ela começou a sentir fortes dores internamente. Novamente fomos para a capital. O Chefe Mascarenhas colocou sua casa a disposição. Ela não quis. Vamos para um hotel, podemos pagar! Mas ele é gente boníssima eu disse. Nada feito. Os médicos não deram esperança. Mais dia menos dia Milena iria partir. Eu nunca fui espiritualista. Uma época que em nossa cidade pouco se falava sobre isto. Milena um dia me procurou – Mario Montes quero que você me prometa. Enquanto estiver viva você não vai mais para o grupo escoteiro. – Porque meu amor, por quê? Ela nada dizia. Seu semblante mudava. Parecia estar possuída. – Você sabe Milena que eu sempre disse que estavas em meu coração? Sem você não sou nada? Sei que está sofrendo e eu então? Como viverei sem você? – Sozinho Mario Kovak. Sozinho. Não quero que case outra vez. E não aceito você mais nos escoteiros. Peça demissão!

Incrível! Que pedido era esse? Um absurdo! Mas o que eu deveria fazer? Sair? Trair meus ideais? Satisfazê-la e depois de sua morte voltar? Minha cabeça estourava de dor. Meus olhos ficavam vermelhos. Ao lado dela, a vendo definhar meu coração partia. Como se um punhal estivesse ali, entrando, rasgando parte por parte! E o escotismo? Oito anos e como eu o amava. Sair e voltar? Trair minha consciência? Enganar a vida e a morte? Ou enganar a mim mesmo? Um dia ela não andou mais. Só ficava acamada. Uma amiga ficou com ela. Contratei uma jovem para ficar com a arrumação da casa. Mas ela agiu sorratamente. Pagou a duas para me vigiar. Para ver se eu ia ao Grupo de Escoteiros. Maldita vida pensava. Naquela sexta feira escura, sem lua, um zumbido estranho de cigarras no ar Milena partiu. Não antes de me olhar e fazer prometer que nunca mais seria Escoteiro!

Foi aí que entendi seu desejo. Ela me amava. Amava mais que tudo. Não queria me dividir. Tinha ciúmes enormes do escotismo. Ela queria que eu fosse só dela. Até depois da morte. Milena meu amor, peças tudo, mas eu nunca irei esquecer você. Preciso do escotismo para respirar, para viver, sentir que não posso ficar só, poder lembrar que você foi tudo para mim. Nada feito. Tive que prometer. Que promessa meu Deus! Ela se foi. Não sorriu. Sua face ficou branca. Seus olhos não fecharam. Como estivesse me vigiando. As exéquias foram simples. Queria que fossem ao Campo Santo só os mais chegados. Não deu. Muitos da cidade foram. Muitos. Um pisa, pisa, um corre, corre. Muito barulho. Os escoteiros me ajudaram, mas o enterro de Milena foi triste e bagunçado.

Duas semanas depois peguei minha mochila, coloquei na porta da minha loja um aviso que ficaria fechado por cinco dias. Precisava pensar. Raciocinar. Estava “baratinado”. Não sabia o que fazer. Tinha prometido a Milena que ia sair. Fui acampar nos Montes Pirineus. Armei a barraca e fiz um fogo. Mais nada. Não tinha fome. Ficava olhando para o céu, para as árvores, para a alegria dos pássaros. Meus olhos vermelhos. De madrugada acordava e me punha a chorar. Que tristeza. Quem diria Milena que nunca mais ia voltar, o amor de minha vida determinava qual seria o meu destino. Pensava que ela estava ali, me vendo, sentindo meu coração doído. Milena, Milena, fale alguma coisa? Diga se é isto mesmo que você quer? Os dias passavam. Um dois três. Sentia fraqueza. Quase não comia. Sempre sentado em volta de um fogo ou a olhar a cascata das águas escaldantes que desciam do Pico do Corão.

Nunca Milena falou comigo. Nunca me deu um sinal. Era como estivesse sacramentado seu pedido. Alegrias de uns tristezas de outros. Achei que não ia aguentar voltar para Águas Calientes. Mas ao final do sexto dia ainda não tinha tomado uma decisão. Resolvi voltar. Com dificuldade. Sentia uma fraqueza enorme. Minha cabeça parecia que ia explodir. Custei a chegar à rodovia. Desci na rodoviária da cidade dormindo. Acordaram-me. Minha casa ficava a menos de quatro quarteirões. Eram dez horas da noite. Passei em frente à igreja aonde casei. Estava aberta. Resolvi entrar. Ninguém ali. Sentei próximo a uma imagem de Santa Terezinha. Entre os bancos vi uma bíblia, alguém tinha esquecido. Olhei com curiosidade e vi uma página marcada. Li devagar, calmamente, já respirava melhor.

“O amor é paciente, o amor é bondoso”. Não inveja, não se vangloria não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece... Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor. – trechos de 1 Coríntios 13:4-13;

Não procurem vingança, nem guardem rancor contra alguém do seu povo, mas ame cada um o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o Senhor. - “Levítico 19:18”.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Milena em espírito estava ao meu lado. Parecia dizer que me compreendia. Pedia perdão pelo juramento que fiz. Disse que não devia ter pedido este sacrifício. Disse que os meninos precisavam de mim e eu devia ficar com eles. Sorrindo me pediu que uma vez ao mês, rezasse para ela aqui onde se casaram. Sua forma foi sumindo, parecia estar feliz. Um padre sentou ao meu lado. Perguntou o que houve. Contei tudo como se fosse uma confissão. Ele sorriu de leve, me abençoou e falou baixinho: - Disse-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos para onde vais; como então podemos saber o caminho?” – Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”.

Já se passaram dez anos. Ainda me lembro de Milena. Agora só tenho dela as lembranças felizes dos nossos doces momentos que passamos juntos. Não tenho certeza, mas acho que ela guia meus sonhos. Muitas vezes a noite. Nosso Grupo Escoteiro vai bem obrigado. Ainda continuo viúvo. Conheci algumas moças, mas nada que me fez decidir voltar à vida de casado. Quer saber? – tenho medo. Medo de que a nova mulher dos meus sonhos não vá fazer parte da minha vida Escoteira. É meu

escotismo! Só sabe quem está com você! Uma chama que marca que fica para sempre em nossos corações!

**Não poucas vezes esbarramos com o nosso destino pelos caminhos que escolhemos para fugir dele.
*Jean de La Fontaine***



FILM

